



NARRATIVAS DO POVO APYÃWA: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E MEMÓRIA

Mara Maria Dutra, Marcelo Franco Leão, Polyana Rafaela Ramos,
Thiago Beirigo Lopes, Willian Silva de Paula, Gislane Aparecida Moreira Maia
(Organizadores)



Mara Maria Dutra, Marcelo Franco Leão, Polyana
Rafaela Ramos, Thiago Beirigo Lopes, Willian Silva de
Paula, Gislane Aparecida Moreira Maia

NARRATIVAS DO POVO APYÃWA: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E MEMÓRIA



Uberlândia -MG

2018

Copyright © 2018
Mara Maria Dutra, Marcelo Franco Leão, Polyana Rafaela Ramos, Thiago Beirigo
Lopes, Willian Silva de Paula, Gislane Aparecida Moreira Maia

Todos os direitos reservados.
NARRATIVAS DO POVO APYÁWA: ASPECTOS ISTÓRICOS, CULTURAIS E MEMÓRIA

1ª Edição - Janeiro 2018

Capa | Diagramação | Arte Final: Marcelo Soares da Silva

Revisão linguística: Gislane Aparecida Moreira Maia

CORPO EDITORIAL

Beatriz Nunes Santos e Silva (Mestra em Educação pela Fucamp)
Bruno Arantes Moreira (Doutor em Engenharia Química pela UFU)
Fernanda Arantes Moreira (Mestra em Educação pela UFU)
Graziela Giusti Pachane (Doutora em Educação pela UNICAMP)
Irley Machado (Doutora pela Université Paris III - Sorbonne Nouvelle)
Juraci Lourenço Teixeira (Mestre em Química pela UFU)
Kenia Maria de Almeida Pereira (Doutora em Literatura pela UNESP)
Lidiane Aparecida Alves (Mestra em Geografia pela UFU)
Luiz Bezerra Neto (Doutor em Educação pela UNICAMP)
Mara Rúbia Alves Marques (Doutora em Educação pela UNIMEP)
Orlando Fernández Aquino (Doutor em Ciências Pedagógicas pela ISPVC - Cuba)
Roberto Valdés Pruentes (Doutor em Educação pela UNIMEP)
Vitor Ribeiro Filho (Doutor em Geografia pela UFRJ)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
EDITORA EDIBRÁS, MG, BRASIL

D978n DUTRA, Mara Maria / LEÃO, Marcelo Franco
RAMOS, Polyana Rafaela / LOPES, Thiago Beirigo
PAULA, Willian Silva de / MAIA, Gislane Aparecida Moreira
NARRATIVAS DO POVO APYÁWA: ASPECTOS ISTÓRICOS,
CULTURAIS E MEMÓRIA

1ª ed / Uberlândia-MG: Edibrás, 2018.

172p.; il.;

ISBN: 978-85-67803-62-3

1. Povo indígena, 2. Cultura tradicional, 3. Tapirapé

I. DUTRA, Mara Maria II. LEÃO, Marcelo Franco
III. RAMOS, Polyana Rafaela IV. LOPES, Thiago Beirigo
V. PAULA, Willian Silva de VI. MAIA, Gislane Aparecida Moreira
VII. Título.

CDD 060

É proibida a reprodução total ou parcial | Impresso no Brasil / Printed in Brazil
A comercialização desta obra é proibida

AUTORES TAPIRAPÉ

Adoilson Ipaxi Awyga Tapirapé
Apaxigoo Tapirapé
Arapa'i Tapirapé
Awaetekato Tapirapé
Awarawyga Edimilson Tapirapé
Edilson Xywapare Tapirapé
Evandro Ikaraxo Tapirapé
Gildo Okapytyga Tairapé
Ima' Awytyga Tapirapé
Jamilson Maropawygi Tapirapé
Janaina Ataxowi Tapirapé
Jefferson Tapirapé
Kanio Djalminho Tapirapé
Kararawore Fabinho Tapirapé
Katypyxowa Graciela Tapirapé
Koraj'i Tapirapé
Lademir Maeyma Tapirapé
Magno Yakymytymyga
Marewa Tapirapé
Marexapytyga Tapirapé
Myryxiwygi Tapirapé
Pete'i Flavio Tapirapé
Renato Kaorewygoo Tapirapé
Taparawoo'i Kislene Tapirapé
Taropa Tapirapé
Wariniawytyga Rafael Tapirapé
Wyratari Tapirapé
Xakarewaja Tapirapé
Xawarakymaxowoo Tapirapé

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
REFLEXÕES TEÓRICAS E DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE REGISTRO DE MEMÓRIAS CULTURAIS DOS TAPIRAPÉ	11
PARTE I	
PRIMEIROS PASSOS DA VIDA TAPIRAPÉ	37
PARTE II	
ALGUNS COSTUMES DO POVO TAPIRAPÉ	47
PARTE III	
CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA	65
PARTE IV	
DIFERENTES FORMAS DE EDUCAÇÃO TAPIRAPÉ	75
PARTE V	
FESTAS E DANÇAS DOS TAPIRAPÉ.....	95
PARTE VI	
ARTE COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA	123

PARTE VII

ASPECTOS CULTURAIS DO POVO TAPIRAPÉ131

PARTE VIII

VALORIZANDO OS ENSINAMENTOS

TRADICIONAIS151

PARTE IX

CHORO TAPIRAPÉ161

SOBRE OS ORGANIZADORES DA OBRA.....168

APRESENTAÇÃO

A presente obra “Narrativas do povo Apyãwa: aspectos históricos, culturais e memória” é fruto das atividades desenvolvidas com estudantes do Curso Técnico em Agroecologia, subsequente ao Ensino Médio, do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), *Campus Confresa*. O curso envolveu 40 estudantes indígenas da etnia Tapirapé, sendo todos moradores de aldeias localizadas na Terra Indígena Urubu branco, localizada no estado de Mato Grosso, entre os municípios de Confresa, Santa Teresinha e Porto Alegre do Norte.

Relatos de estudantes do curso, de professores indígenas e de lideranças indígenas indicam que muitos aspectos de sua cultura, e, entre eles podemos citar as danças, a língua, as formas de se relacionar com a natureza, a organização social, a alimentação passaram por grandes mudanças. Muitos atribuem a erosão cultural principalmente pela falta de interesse da população mais jovem em aprender costumes com os índios mais experientes (anciãos), bem como a morte dos mais velhos. Entretanto, o fato que nos chamou atenção, é que o povo Apyãwa mostra-se extremamente preocupado com a perda de sua identidade cultural.

Outro aspecto a ser considerado é a falta de documentos ou obras que retratem essa riqueza e a diversidade cultural do povo Apyãwa, e, percebe-se a importância e necessidade da população não índia ter acesso a esses documentos. Assim, a proposta de realizar esse registro escrito das memórias culturais se consolidou durante o desenvolvimento da disciplina de Etnodesenvolvimento Indígena, ocorrido em fevereiro de 2017.

Diante dessa problemática, que veio acompanhada do pedido das lideranças e estudantes indígenas em auxiliarmos

na resolução desse problema, pensamos em realizar algo para intervir na situação. Surgiu então o problema que norteou a proposta desse livro: Como contribuir para fortalecer a cultura do povo indígena Apyãwa?

Nesse sentido, o presente livro tem por finalidade registrar a história, os costumes e tradições desse povo com o intuito de que esse registro contribua para o fortalecimento da identidade do povo Apyãwa.

Essa obra possui vários textos com narrativas que os estudantes do Curso de Agroecologia construíram durante o desenvolvimento da disciplina de Etnoconhecimento Indígena. As narrativas apresentam aspectos históricos, culturais e memórias do povo Apyãwa.

Inicialmente é realizada pelos professores formadores desse curso, uma reflexão teórica e descritiva sobre como ocorreu a proposta de registrar as memórias culturais dos Tapirapé. As narrativas dos estudantes foram organizadas em 9 partes de forma a apresentar todos os textos e desenhos construídos por eles. Na Parte I são apresentados textos sobre os primeiros passos da vida Tapirapé, apresentam-se histórias sobre nascimento, nomeação e uso da linguagem. Na Parte II há uma coletânea de textos que descreve principalmente os aspectos referentes ao modo de subsistência do povo Tapirapé. Na Parte III são apresentados textos que abordam temas que envolvem o modo como as famílias são constituídas.

As diferentes formas de educação do povo Apyãwa são encontrados nos textos da parte IV, e na Parte V encontram-se textos que informam ao leitor sobre várias festas e danças que fazem parte da vida desse povo. A arte pode ser considerada como a manifestação cultural de um povo, e nesse sentido a Parte VI traz vários textos sobre as contribuições da cultura Tapirapé no campo artístico.

Os textos que contém diversos aspectos culturais do povo Apyãwa se fazem presente na Parte VII, e a Parte VIII destina-se a textos que tem por finalidade valorizar os ensinamentos tradicionais. E para finalizar a Parte IX tem

por título “Choro Tapirapé” onde histórias sobre como ocorre o funeral e o luto quando um membro da sociedade Tapirapé morre.

Os leitores desta obra terão o privilégio de ter em mãos um exemplar que registra as histórias e memórias do povo Apyãwa. Espera-se que a socialização desses aspectos abordados sobre a cultura Tapirapé sirva como fonte de consulta para todas as pessoas que queiram conhecer e respeitar a cultura e o modo como vivem os povos tradicionais. Ademais, espera-se que esse registro escrito contribua para o fortalecimento da identidade indígena e incentivo para as futuras gerações vivenciarem os costumes e tradições de seus ancestrais.

Convidamos você a iniciar essa leitura que o levará a conhecer um pouco mais da cultura desse povo!

Os organizadores.

REFLEXÕES TEÓRICAS E DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE REGISTRO DE MEMÓRIAS CULTURAIS DOS TAPIRAPÉ

Mara Maria Dutra
Marcelo Franco Leão
Polyana Rafaela Ramos
Thiago Beirigo Lopes

INTRODUÇÃO

É grande a diferença entre os diversos povos indígenas, devido a cada um apresentar características próprias que os tornam únicos dentre as diferentes etnias. Algumas características mais evidentes dessa diversidade são: língua, crenças, festas, mitos, regras, costumes tradicionais, forma de organização social, modo de se relacionar entre si e o meio. Dessa forma, cada etnia possui uma cultura própria que precisa ser conhecida, respeitada e fortalecida.

No Brasil, de acordo com o censo do IBGE (2010), existem aproximadamente 900 mil pessoas que se declaram ou consideram indígenas, e encontram-se divididos em 305 etnias. Só no Estado de Mato Grosso são mais de 40 etnias indígenas existentes, dentre as quais o povo Apyãwa (Tapirapé).

Entende-se por cultura indígena o conjunto de características que distingue e define um determinado grupo. Assim, os conhecimentos e as práticas culturais dos povos indígenas compõem e fazem parte de sua cultura (SHIVA, 2003). Entretanto, ao longo dos anos, percebe-se uma perda significativa da identidade cultural desses povos tradicionais por influência da cultura do não índio.

Na tentativa de resgatar e valorizar a cultura indígena, foram estabelecidos vários os marcos legais que abordam a

temática indígena, dentre elas a Lei 11.645/2008 que versa sobre a inclusão de conteúdos referente à cultura indígena nos currículos de todos os estabelecimentos de ensino e em todas os níveis e modalidades da educação brasileira (BRASIL, 2008). Em 2012, por meio do Parecer CNE/CEB nº 13/2012, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (BRASIL, 2012).

Nessa mesma vertente, o Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), aprovado pela resolução CONSUP nº 027, de 30 de junho de 2014, abarca a temática da educação escolar indígena quando inclui em seu texto um item com o título “Inclusão social e políticas afirmativas étnico-raciais”. O PDI registra a importância e necessidade de apresentar políticas educacionais para a população indígena no sentido de promover a inclusão com igualdade de oportunidade para estudantes indígenas (IFMT, 2014).

Nesse sentido, pode-se dizer que a presença do IFMT *Campus* Confresa, na Região Araguaia Xingu, está empenhada em contribuir para o fortalecimento da manutenção da cultura indígena do povo Apyãwa (Tapirapé), que se encontra localizado a 28 km da sede do município de Confresa - MT.

No ano de 2014, o *Campus* Confresa implantou o primeiro Curso Técnico em Agroecologia, subsequente ao Ensino Médio, do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec), na aldeia Tapi'itãwa com o propósito de favorecer a recuperação da sustentabilidade alimentar e socioambiental com vistas a resolução de problemas em suas comunidades.

Durante o curso, em vários momentos, os estudantes e as lideranças indígenas expressaram sua preocupação com a manutenção e registro de aspectos da cultura do povo Apyãwa. Segundo relatos das lideranças indígenas a quase dizimação, a diáspora e o constante contato com o não índio, são considerados fatores que contribuíram com a perda da

diversidade cultural desse povo.

Diante do exposto, o objetivo desse texto é realizar reflexões teóricas e a descrição sobre como ocorreu essa proposta de registro de memórias culturais dos Tapirapé. Inicialmente é discutido sobre a importância de realizar o registro escrito das memórias culturais de um povo, especialmente se tratando de indígenas, por tamanha importância na constituição da sociedade brasileira e pela luta em preservar seus costumes e tradições em meio a uma sociedade globalizada.

Em seguida é realizada a caracterização do povo Apyãwa, a qual apresenta aspectos geográficos e um breve histórico dos Tapirapé. Na sequência são apresentadas as descrições desse curso profissionalizante. Também é realizada uma reflexão sobre a importante atuação do IFMT na região. Por fim é apresentado um relato com detalhes de como ocorreu a proposta.

IMPORTÂNCIA DO REGISTRO ESCRITO DAS MEMÓRIAS CULTURAIS

Por meio do processo de colonização e desenvolvimento, vários povos indígenas do Brasil foram dizimados. Os que resistiram, lutam por sua sobrevivência em meio ao mundo contemporâneo capitalista, no qual predomina a ideia de desenvolvimento tecnológico e industrializado como padrão de sociedade mais desenvolvida. Nesse ideário predominante na sociedade brasileira, as organizações sociais que não se integram a esse modelo são consideradas atrasadas e subdesenvolvidas, o que não é verdade.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), sobreviver significa: “Permanecer vivo apesar de algo; continuar vivendo depois de uma situação desastrosa: eles sobreviveram ao acidente; a cidade sobrevive à violência; depois da tragédia os animais sobrevivem”. Segundo Dicionário Online de Português, sobreviver significa “Aquilo que subsiste após um

desaparecimento, uma perda: sobrevivência de costumes de épocas passadas”. Mas, como um povo sobrevivente poderá permanecer e dar continuidade aos seus costumes, suas histórias, suas tradições e memórias?

Nesse sentido, vários autores escrevem sobre a importância do registro documental das memórias e do patrimônio cultural indígena. Comungando do mesmo pensamento, Merlo e Konrad (2015, p. 1-2) afirmam que o “intuito da preservação do patrimônio documental é possibilitar aos cidadãos o acesso à memória para construir sua identidade”.

As autoras supracitadas também alertam que, para serem considerados como fonte de informação histórica, os documentos devem ser publicizados de forma que os interessados tenham acesso a qualquer tempo. Entretanto, muitas histórias e memórias, por meio da oralidade, são passadas de geração em geração, e dessa forma, sua sistematização em forma documental não acontece.

Ao se referirem a comunidades indígenas, Bergamaschi e Medeiros (2010, p. 11-12) afirmam que “memória e história se confundem, pois a história, principalmente quando se refere à história do grupo, é transmitida oralmente a partir da memória dos velhos”. De acordo com relatos das autoras, os saberes indígenas transmitidos pela oralidade estão em ameaça de extinção, pois nas culturas indígenas as memórias respondem a indagações do presente, e assim alguns saberes e histórias do passado encontram-se na iminência de acabar, de serem esquecidos.

Nesse sentido, é preciso considerar que toda cultura passa por um processo de transformação e adequação à realidade, pois as trocas de conhecimentos e experiências que, necessariamente, um grupo mantém com outros precisam ser consideradas (GALLOIS, 2006). Como exemplo, podemos citar o uso do arroz industrializado na realização do mingau, que é uma bebida típica usada pelo povo indígena Tapirapé em diversos rituais e festas.

Cabe destacar que a introdução de materiais e objetos criados/fabricados por não indígenas não interfere na manutenção do patrimônio cultural do povo indígena em questão. Como explicado anteriormente, a cultura não pode ser considerada como algo estático. A introdução do arroz industrializado, nesse caso, tem como objetivo manter a sustentabilidade de subsistência, não interferindo em nada no patrimônio imaterial, no qual os conhecimentos tradicionais são repassados para as novas gerações.

Para melhor entender essa questão, nos ancoramos no conceito de cultura formulada na Conferência Mundial da UNESCO sobre políticas culturais, México (1982, p. 1-2)

[...] a cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. [...] A cultura é um diálogo, intercâmbio de ideias e experiências, apreciação de outros valores e tradições; no isolamento, esgota-se e morre.

Diante desse conceito, percebe-se a importância de preservar a cultura (ressignificar) por meio de registros das memórias, pois ela representa a afirmação da identidade cultural de um povo. Em seus estudos, Gallois (2006) explica que incentivar políticas de preservação do passado impede que povos indígenas percam a memória, tanto de suas realizações como de suas origens, pois o registro de um bem imaterial institui o testemunho de determinado tempo.

O autor supracitado afirma que muitos estudiosos do patrimônio imaterial indígena defendem a necessidade e mesmo a urgência de sua documentação. No entanto, há de se entender que apenas o registro não permite a sobrevivência ou

a continuidade, mas garante um espaço às culturas indígenas no mapa das culturas do mundo.

Assim, a presente obra tem por finalidade resgatar e preservar alguns aspectos do patrimônio cultural do povo Apyãwa, aqui apresentada por meio da escrita e desenhos sobre as histórias, memórias e costumes desse povo.

CARACTERIZAÇÃO DO POVO TAPIRAPÉ

O povo Apyãwa (ou Tapirapé como conhecido pelo não indígena) é uma nação falante da língua Tapirapé, que pertence ao tronco linguístico Tupi-Guarani. Existem várias etnias que pertencem à mesma família e que fala palavras semelhantes às desse povo, sendo algumas das etnias: *Kamaiurá*, *Kayabi*, *Guajajara* e outros mais que falam línguas parecidas com a que é falada por esse povo (ISA, 1996).

Segundo Paula (2012) os indígenas Apyãwa tradicionalmente habitavam em uma extensa área que é localizada entre as margens do Rio Tapirapé, afluente do Rio Araguaia, na região da Serra do Urubu Branco, até o sul do Estado do Pará. Atualmente, o povo Apyãwa está distribuído em duas áreas Indígenas: uma, denominada de terra indígena Tapirapé/Karajá, pertence ao Município de Santa Terezinha, no Estado de Mato Grosso. Nela se encontra uma das aldeias denominada de *Majtyri*. A outra área é a terra indígena Urubu Branco, onde estão localizadas 7 (sete) aldeias, que são: *Tapi'itawa*, *Akara'ytawa* (Santa Laura), *Towajaatãwa* (Sapeva), *Wiriaotawa* (Codebra), *Tapiparanytawa* (Córrego da Onça), *Myryxitãwa* (Buriti) e a *Inataotãwa* (Santa Luzia), esta última que foi fundada no ano de 2013 (TAPIRAPÉ, 2016).

Esse povo tradicional, envolvido nesse estudo, habita na área indígena Urubu Branco que abrange os municípios de Santa Teresinha, Porto Alegre do Norte e Confresa, região norte do estado Mato Grosso, onde exerce grande expressão na sociedade envolvente. A localização do povo Apyãwa pode ser observada na Figura 01.

Figura 1: Localização geográfica das terras indígenas do povo Apyãwa



Fonte: Adaptado de <http://folhadeconfresa.com.br/2015/08/08/>.

Os primeiros contatos do povo Tapirapé com o não indígena, registrados desde o início do século XVI, foram marcados pela disseminação de doenças que atingiu diversos povos indígenas no Brasil. Por razões geográficas e econômicas, o povo Tapirapé não foi tão perseguido quanto os demais povos indígenas, isso porque as terras que habitavam,

não davam sinais de recursos procurados pelos não indígenas: ouro, pedras preciosas e terras boas para a plantação de seringais. Essa foi a razão pela qual a região permaneceu pouco povoada (ANDRADE, 2010).

Em seus estudos, Andrade (2010) e Paula (2012), constataram que o Dr. Francisco Mandacaru, na época inspetor do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), realizou uma expedição às aldeias Tapirapé no ano de 1912, em que estimou que sua população fosse uma quantidade entre 1000 a 1500 pessoas.

Contudo, esse período de tranquilidade foi interrompido durante a primeira metade do século XX, inicialmente por causa das epidemias de novas doenças (em especial, o sarampo e a gripe) e posteriormente devido ao confronto Kayapó (ANDRADE, 2010). Isso levou a quase ocorrer a extinção total desse povo, visto que, em 1947, a população dos Tapirapé ficou reduzida a menos de 50 (cinquenta) pessoas.

Desse modo, ainda segundo a autora, indica-se uma redução vertiginosa na população em meados da metade do século XX. Como já mencionado, esse declínio populacional muito se deve ao fato do povo Tapirapé se encontrar extremamente fragilizado como consequência das constantes epidemias de sarampo e gripe, que os abatia frequentemente, chegando a matar dezenas de indígenas, como na epidemia de 1941.

De acordo com os estudos de Paula (2012), em 1947 aconteceu o grande ataque dos indígenas Kayapó aos Tapirapé, que se tornaram inimigos históricos. Dessa maneira, o conflito com os Kayapó foi uma verdadeira tragédia naquele momento, pois somaram-se às constantes epidemias anteriormente relatadas. Os episódios desse momento histórico dos Tapirapé são contados com detalhes em 1996, por meio da publicação da cartilha "*Xanetawa Parageta: histórias das nossas aldeias*", elaborada pela escola indígena local (ALMEIDA, 2010).

Depois desse ataque violento, a população Apyãwa se dispersou. Segundo Paula (2012), uma das famílias continuou

vivendo escondida na região em que habitavam; um grupo seguiu o curso do Rio Crisóstomo até chegar em Lago Grande na beira do Rio Araguaia em 1964 e os demais indígenas, que eram a maior parte dos sobreviventes, foi acolhida pelo Sr. Lúcio da Luz, criador de gado na região. O proprietário da fazenda fornecia mantimentos de sua roça aos Apyãwa e, certamente, a comunicação entre indígenas e não indígenas acontecia em língua portuguesa e isso pode ter intensificado sua utilização como segunda língua.

De acordo com Paula (2012), esse período histórico provavelmente foi o que mais contribuiu para a difusão da utilização dos nomes próprios em língua portuguesa, embora já recebessem esses tipos de nomes por ocasião dos batizados efetuados pelos missionários dominicanos. No entanto, a língua Tapirapé devia ser falada somente entre eles e os rituais não eram realizados nessa época por não haver a possibilidade da construção da casa cerimonial, a *Takãra*.

Ainda de acordo com a autora supracitada, após algum tempo o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) conseguiu convencer o grupo que estava na fazenda a se mudar para a Barra do Rio Tapirapé, onde estava instalado o Posto Indígena Heloísa Alberto Torres junto à aldeia *Itxala*, dos Karajá. Posteriormente, vários fatores de adaptação à nova realidade contribuíram para que nascesse entre os Apyãwa o desejo de ter um espaço próprio, se concretizando com a fundação de uma nova aldeia, distante cerca de 3 km do Posto do SPI e da Aldeia *Itxala*, denominada *Orokotãwa*.

Assim, a nova aldeia representou a possibilidade de reconstrução social e física do povo, pois puderam construir suas casas na forma circular segundo o padrão próprio dos Tupi, fazer suas roças e, aos poucos, retomar seus rituais (PAULA, 2012).

Isso significa que, embora ocorrendo naturalmente uma reorganização em sociedade, os anos iniciais de vivência na nova aldeia não foram fáceis. Outra característica lembrada pela autora é que, nessa época, os Apyãwa ainda enfrentaram

surtos de doenças como sarampo e pneumonia que, por sua vez, ocasionaram muitos falecimentos.

Nessas últimas décadas, ainda ocorreram conflitos com os não indígenas (TAPIRAPÉ, 2016). Segundo o autor, ficou difícil para o povo Apyãwa retirar os posseiros de suas terras, pois esses estavam acampados no outro lado das serras e montanhas que margeiam a área Tapirapé. Em uma ocasião, o gado dessas fazendas foi capturado e trazido para a aldeia, o que representou 50% do rebanho. Nessa ocasião, o proprietário do rebanho foi preso na aldeia, numa sala do postinho de saúde. Até os dias de hoje esse fazendeiro resiste e não quer sair da reserva dos Tapirapé, que persistem lutando para recuperar a nossa reserva.

Atualmente, são estimados aproximadamente 750 Apyãwa habitando em 7 aldeias anteriormente citadas (PAULA, 2012). Embora existam muitos Apyãwa vivendo nas aldeias *Hawalora* e *Itxala* (que são consideradas do povo Karajá), casados com mulheres Karajá, a língua Tapirapé permanece sendo falada por todos os Apyãwa, observa-se uma redução da idade em que as crianças começam a se expressar a língua portuguesa como segunda língua. Dessa maneira, percebe-se o empenho de todos em preservar importantes aspectos de sua cultura, a começar pelo idioma utilizado.

CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA DO IFMT CAMPUS CONFRESA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O POVO APYÃWA

O curso Técnico em Agroecologia era um anseio da comunidade Tapirapé que começou a tomar forma a partir de junho de 2011. Segundo IFMT (2014), o ponto de partida ocorreu a partir de uma reunião realizada com representantes do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar da Escola Indígena Estadual *Tapi'itãwa*, do IFMT *Campus* Confresa, da Coordenação de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado de Educação e Cultura de Mato Grosso de Mato

Grosso (SEDUC/MT) e Assessoria Pedagógica do município de Confresa.

Com o passar do tempo, outras reuniões seguiram e novos parceiros foram integrando ao grupo, com o objetivo de levar um curso a ser desenvolvido na aldeia indígena *Tapi'itāwa*, fato que contribuiu para que o projeto deixasse de ser um sonho e sua construção foi se delineando. Nesse sentido, é preciso levar em consideração que o povo Tapirapé é referência em educação indígena (IFMT, 2013), e a comunidade Apyāwa sentia a necessidade de buscar qualificação profissional na área técnica, especialmente no que se refere a produção de alimentos, uma vez que a prática da agricultura tornou-se uma grande preocupação visto que após a retomada da área indígena suas terras estavam totalmente devastadas pelas fazendas de gado que haviam se apossado da Terra Indígena (TI).

No ano de 2002, foi encaminhado à SEDUC uma proposta que contemplava a implantação de um curso que evoluísse aspectos relacionados a agroecologia por meio de um Projeto denominado *Aranowa'yao* (Novos Pensamentos). Infelizmente, o Estado não conseguiu responder a essa demanda, e em contrapartida em 2010 implantou o curso do Magistério Intercultural.

Cabe destacar que, na última década, várias ações de políticas públicas foram instituídas na Região Araguaia Xingu, dentre as quais houve a implantação do IFMT na cidade de Confresa. Dentre as diversas finalidades da instituição, uma delas merece destaque nesse contexto, pois se relaciona a desenvolver a região de forma a atender os diversos arranjos produtivos locais (DUTRA et al., 2016). De acordo com Dutra (2015), as atividades de funcionamento correram no ano de 2010 e o novo polo estudantil tem por finalidade a formação educacional profissional.

No ano de 2012, as lideranças indígenas do povo Tapirapé procuraram essa unidade escolar e expuseram sua preocupação em relação a formação da comunidade.

Explicavam o quanto seria importante se o IFMT *Campus* Confresa pudesse contribuir como parceiro. Essa parceria se daria por meio de alguma formação, principalmente com ensinamentos ou cursos com temas voltados a técnicas agroecológicas de produção de alimentos, a fim de garantir a segurança alimentar do povo Apyãwa. Depois da primeira reunião, muitas outras aconteceram com o propósito de entender quais as necessidades dessa comunidade para que posteriormente pudesse se definir de que forma poderiam ser atendidos.

Depois dessas tratativas, ficou definido que o curso de Agroecologia estaria atendendo as necessidades dos Tapirapé. Assim, o IFMT *Campus* Confresa, junto com parceiros como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/MT), Secretaria Municipal de Educação de Confresa (SEMEC), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Escola Indígena Estadual *Tapi'itãwa*, se dispuseram a implantar o curso Técnico em Agroecologia, para ser desenvolvido na escola dessa comunidade tradicional (IFMT, 2013).

Ainda de acordo com IFMT (2014), por limitações de recursos, ficou definido que o curso seria ofertado por meio do Pronatec, tendo como parceiro demandante o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Os trabalhos foram divididos entre os parceiros, e assim a Prefeitura Municipal de Confresa se comprometeu a auxiliar na estrutura física por meio da construção de uma sala de aula para atender exclusivamente ao curso. Enquanto isso, os demais parceiros dedicavam-se a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso, com uma matriz curricular totalmente voltada a realidade do povo Tapirapé, visando auxiliar no processo de autossustentabilidade da comunidade, respeitando a cultura e suas tradições.

De acordo com Ramos, Maia e Dutra (2017), o curso teve início em julho de 2014, na modalidade subsequente (destinado a estudantes que já concluíram o Ensino Médio).

Teve participação de 40 estudantes, de várias aldeias Tapirapé, que foram escolhidos pela comunidade indígena (em sua maioria casados e com filhos). O curso foi desenvolvido na Aldeia *Tapi'itâwa*, na modalidade da pedagogia da alternância, sendo que as disciplinas eram desenvolvidas de forma modular, compreendendo aulas teóricas e práticas.

Ainda de acordo com as autoras supracitadas, foram ministradas 14 disciplinas, que abrangiam diversas áreas do conhecimento. Várias estavam voltadas a produção vegetal e animal dentro dos princípios agroecológicos, sempre levando em consideração os saberes tradicionais. Durante o desenvolvimento desse curso, houve o acompanhamento de um intérprete da aldeia e um ancião, que foram escolhidos pela comunidade, considerando seus notórios saberes sobre os costumes Apyãwa, afim de que o conhecimento tradicional não fosse desrespeitado pelos docentes que ministraram as disciplinas.

Nesse processo formativo, foram desenvolvidas diversas atividades onde se buscou a ressignificação de práticas agrícolas, sempre levando em consideração os aspectos culturais dos estudantes, apoiados nos saberes dos mais velhos da comunidade ao qual compartilhavam suas experiências no decorrer das aulas.

Ao término do curso, ocorrido no primeiro semestre de 2017, os estudantes realizam uma exposição para a comunidade e posteriormente na sede do IFMT *Campus Confresa*, como forma de demonstrarem os aprendizados obtidos. A exposição foi denominada de “I Mostra de Trabalhos Indígenas do curso Técnico em Agroecologia do IFMT *Campus Confresa*” (Figura 2). Durante esse evento, que ocorreu em março de 2017, foram expostos em forma de banner, cartazes e desenhos alguns dos trabalhos desenvolvidos durante o curso.

Figura 2: Estudantes apresentando trabalhos durante a exposição



Fonte: <http://ifmt.edu.br/conteudo/noticia/campus-confresa-alunos-indigenas-realizam-mostra-de-trabalhos-na-conclusao-do-curso-tecnico-subsequente-em-agroecologia/> (2017).

Os estudantes concluíram o Curso Técnico em Agroecologia em abril de 2017. Os novos técnicos em Agroecologia levaram para suas aldeias novos conceitos de produção e manipulação de alimentos, além de fazer um passeio histórico sobre suas origens, costumes e tradições.

De acordo com Edilson Tapirapé, “o curso proporcionou maior conhecimento sobre muitas coisas, e a vontade de realizar e reproduzir muitas técnicas como por exemplo o Sistema Agroflorestal, que é bonito”.

Para outro estudante, Edimilson Tapirapé “o curso foi muito bom por ter mostrado novas formas de plantio e cultivo que vão levar para toda a vida, ajudando a reduzir a comida vinda da cidade e buscando resgatar os alimentos tradicionais do povo Apyãwa!”.

“Tudo que nós aprendemos no curso foi muito importante para a comunidade. Assim nunca vamos deixar de valorizar a nossa cultura, nossa língua, rituais. E sempre vamos manter nossa cultura mais forte ainda, porque nossa cultura está ligada a natureza! Portanto, nós técnico temos que trabalhar muito agora e fazer o que estudamos. E fazer tudo para nossa comunidade, plantar várias sementes nativas e de alimentação, para os animais e aves voltar para mais perto de nós!”, relatou outro cursista.

Após o encerramento do curso com a colação de grau, os recém-formados Técnicos em Agroecologia deram continuidade nos trabalhos iniciados, inclusive reproduzindo-os nas outras aldeias. Logo, essa parceria pode ser considerada de sucesso, pois a comunidade Tapirapé teve seus anseios atendidos e o IFMT *Campus Confresa* cumpriu sua missão de contribuir para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais da região na qual está inserido.

COMO SURTIU A PROPOSTA DE REGISTRAR AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO POVO APYÃWA

No ano de 2014 teve início o curso Técnico em Agroecologia, subsequente ao Ensino Médio, desenvolvido na aldeia indígena Urubu branco. O curso foi planejado para atender os anseios da comunidade referente a melhoria e manutenção dos costumes tradicionais do povo Apyãwa.

Dentre as várias disciplinas constantes na matriz curricular encontra-se a de “Etnodesenvolvimento Indígena” com carga horária de 80 horas. Essa disciplina foi ministrada pela Professora Ma. Mara Maria Dutra. A descrição de sua ementa apresenta os seguintes elementos: “Modelos de Projetos de desenvolvimento sustentável. Elaboração de Projetos comunitários para desenvolvimento da comunidade. Estratégias de Comercialização dos excedentes, sistema de troca e organização comunitária. Políticas Públicas para os povos indígenas” (IFMT, 2014, p. 40).

Para melhor entender em que contexto a disciplina está inserida trazemos o conceito de etnoconhecimento, que de acordo com Nascimento (2013) são os conhecimentos, os saberes, as tradições, as histórias transmitidas de maneira oral de geração a geração, nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o meio que os cerca e seus fenômenos naturais.

Mas como trabalhar esses conteúdos sem conhecer a história, os costumes, hábitos e tradições dos estudantes Tapirapé? Como fazer para ter acesso a essas informações? Cabe destacar que a professora Mara já havia ministrado a disciplina de Legislação Ambiental nesse curso, momento no qual os estudantes indígenas mostraram-se muito motivados nas aulas. Ao final da disciplina os estudantes fizeram uma avaliação em que grande maioria afirmou gostar muito das aulas práticas em campo e dos momentos da representação gráfica, onde puderam transformar conceitos em desenhos.

Durante o desenvolvimento disciplina de Legislação Ambiental também era comum ouvir comentários referentes a aulas ministradas por outros professores. Dentre esses comentários, seguidamente faziam referência às aulas da professora Polyana Rafaela Ramos e do professor Willian Silva de Paula. Explicavam que a professora Polyana constantemente utilizava a aula de campo com posterior registro dos estudantes sob a forma de relatório, que professor Willian os ensinou como elaborar projetos e relatórios.

Essas observações fizeram com que as aulas da disciplina de Etnodesenvolvimento Indígena fossem planejadas com estratégias de ensino diferenciadas que motivassem a participação dos estudantes. Dessa forma, desde a primeira aula, ocorrida no dia 13 de fevereiro de 2017, buscou-se desenvolver um processo educativo que, além da formação, tivesse significado para os envolvidos.

Outro aspecto a ser considerado é que as aulas aconteciam no período matutino e vespertino, a professora e grande parte das estudantes almoçavam na escola. Durante

um dos almoços, o Sr. Josemar Auapare'ymi Tapirapé que era interprete do Pronatec e professor em uma das escolas das aldeias indígenas, perguntou se não havia como esse trabalho ser publicado de forma que todas as escolas das aldeias tivessem acesso. Esse senhor também se mostrou muito preocupado com a questão do registro das histórias e memórias do povo Apyãwa, afirmou que vários aspectos da cultura já estavam esquecidos.

Nesse momento, alguns estudantes que participaram da conversa também afirmaram que seria interessante que o material produzido na disciplina fosse repassado para comunidade Tapirapé. Foi por meio dessa conversa informal que surgiu a ideia de construirmos essa obra que tem por finalidade resguardar alguns aspectos da cultura social, histórica, ambiental e educacional do povo Tapirapé.

Assim, para falar sobre etnoconhecimento era necessário que a professora conhecesse um pouco sobre os costumes dos Tapirapé. Dessa forma, no segundo dia de aula foi solicitado que os estudantes elencassem aspectos referentes à cultura, tradições, rituais, festas, formas de vida e organização social entre outros. Todos os tópicos foram anotados inicialmente no quadro (Figura3) e no diário de campo.

Figura 4: Estudantes elaborando os textos



Fonte: Acervo pessoal de Mara Maria Dutra (2017).

À medida que iam produzindo os seus textos, os traziam para que a professora os lê-se e fizesse sugestões e correções. Somente após a verificação da professora os estudantes o transcreviam para a folha A4. Cabe aqui ressaltar que os títulos e o conteúdo dos textos produzidos permaneceram conforme elaboraram os autores Tapirapé.

Ao término da construção dos textos, os estudantes foram convidados a fazer o registro do texto por meio de um desenho. Essa técnica foi utilizada, pois a professora já havia observado grande interesse e habilidade dos estudantes com o desenho. Além disso, o desenho proporciona uma descrição de partes com a intenção de representar o todo existente no imaginário, ou seja, as imagens presentes na memória.

Os estudantes foram convidados a escolher um dos tópicos apresentado no quadro de giz para representá-lo por meio de um desenho. Os materiais utilizados foram papel canson A3, lápis de cor, giz de cera, pincel atômico, lápis, borracha, régua.

No decorrer da proposta os estudantes mostraram-se muito motivados. Durante o desenvolvimento dessas aulas, em vários momentos sentiam-se a vontade para falar entre si na língua Tapirapé, o que mostra o quão a vontade se sentiam. Quando estavam desenhando o faziam com muita alegria e satisfação, e o ambiente da sala tornou-se muito aconchegante a acolhedor conforme pode ser visto na Figura 5.

Figura 5: Estudantes realizando atividade de desenho e pintura



Fonte: Acervo pessoal de Mara Maria Dutra (2017).

No decorrer das aulas houve um grande entrosamento entre a professora e os estudantes. Esses relatavam e comentavam sobre vários aspectos da sua cultura, constantemente demonstravam sua preocupação em relação à segurança alimentar do povo Apyãwa e bem como a perda de vários aspectos da cultura.

As narrativas dos estudantes está estruturado em 9 partes de forma a apresentar os 73 textos escritos e os 25 desenhos produzidos durante as aulas de Etnodesenvolvimento Indígena. A maioria dos temas é apresentado por mais de um texto, visto que a escolha dos temas se deu pelos próprios estudantes e assim podemos valorizar a escrita de todos. Outra justificativa para a inclusão de todos os textos nessa obra dá-se pelo fato de que cada indivíduo tem uma percepção sobre determinado assunto. Assim, achamos interessante trazer aos leitores mais de uma versão sobre o mesmo assunto.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As reflexões teóricas apresentadas nesse texto reforçam a importância de realizar o registro escrito das memórias culturais dos povos indígenas. Na atual conjuntura, mais do que nunca é necessário defender o fortalecimento da cultura indígena, dos povos tradicionais, por meio da valorização dos saberes dessas comunidades. Nesse sentido, os aspectos geográficos e um breve histórico dos Tapirapé serviram para caracterizar o povo Apyãwa, no intuito de que ao conhecer essa cultura, os leitores de outras culturas possam compreender e respeitar o diferente.

A descrição sobre o Curso Técnico em Agroecologia, subsequente ao Ensino Médio – Pronatec do IFMT *Campus Confresa* demonstra que é constante a atuação da instituição na região, que além de atender as demandas dos Tapirapé proporcionou saberes e competências significativas para esse povo. O relato detalhado de como ocorreu a proposta de registrar as histórias e memórias do povo Apyãwa demonstra todo envolvimento e empenho dos estudantes nesse registro que realizaram de suas próprias histórias de vida.

Logo, é possível afirmar que a valorização da diversidade, o respeito aos diferentes saberes locais, e a oportunidade para que escritores de comunidades tradicionais registrem sobre seus costumes, sua forma de vida, seu dia-a-dia, fará com que

ocorra o fortalecimento dessas comunidades, bem como o resgate de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Júlia Gomes. **A construção da *Takãra em Majtyri***: etnografia de uma aldeia Tapirapé. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, PPGA – UFF. Rio de Janeiro, PPGA-UFF, 2010.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida e MEDEIROS, Juliana Schneider. História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola *Kaingang*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, n. 60, p. 55-75, 2010.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 23 mar. 2017.

_____. **Parecer CNE/CEB nº: 13/2012**. Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/17576-ceb-2012-sp-689744736>>. Acesso em: 13 maio, 2017.

DECLARAÇÃO DO MÉXICO. **Conferência mundial sobre políticas culturais**. Cidade do México: ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. Acedido em, 1985, 30.4: 2011.

DUTRA, Mara Maria. **Formação em agronomia no IFMT Campus Confresa e sua relação com a sustentabilidade na agricultura familiar no contexto do território cidadania do Baixo Araguaia.** 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Estadual de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2015.

DUTRA, Mara Maria; AUMERI CARLOS BAMPI, Jeferson Odair DIEL; KOHLER, Marisa Regina. Ações de educação superior no Baixo Araguaia/MT: o curso de agronomia e a sustentabilidade na agricultura familiar. **Revista Espacios**, Caracas, Venezuela, v. 37 , n. 8, p. E-2, 2016.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará.** Iepé, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009.

IBGE. **Características gerais dos indígenas: resultados do universo.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009645608112012562210271925.pdf>>. Acesso em: 13 maio. 2017.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO. **Plano de Desenvolvimento Institucional.** Cuiabá, 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO. **Projeto pedagógico de curso Técnico em Agroecologia, Subsequente/Pronatec.** Confresa-MT, 2014.

ISA - Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: 1991-1995.** São Paulo, Brasil, ISA, 1996: 871.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos (2015). Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Informação & Informação**. Londrina. v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/18705/pdf_43>. Acesso em: 11 set. 2017.

NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, F. A. **Sentidos de leitura: sociedade e educação**. João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.

PAULA, Eunice Dias de. **Eventos de fala entre os Apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnossintaxe: singularidades em textos orais e escritos**. 2012. 263 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia,

RAMOS, P.R.; MAIA, G.A.M.; DUTRA, M.M. Implantação do Curso Técnico Subsequente em Agroecologia na aldeia Urubu Branco, etnia Tapirapé em Confresa-MT. **Revista Cadernos de Agroecologia**. v. 13, n. 1, 2017.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da Biodiversidade e da Biotecnologia**. Gaia: São Paulo, 2003.

SOBREVIVER. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sobrevivencia/>>. Acesso em: 15 set.

TAPIRAPÉ, Xawapa'io. **A importância da pesca com timbó para o povo indígena Apyãwa (Tapirapé)**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Indígena Intercultural. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Barra do Bugres: UNEMAT, 2016.

WAGLEY, Charles. **Lágrimas de Boas Vindas: os índios Tapirapé do Brasil Central**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PARTE I- PRIMEIROS PASSOS DA VIDA TAPIRAPÉ

“Para nós povo Tapirapé, a nomeação é uma parte da cultura muito valorizada. Utilizamos a nomeação para identificar e diferenciar as pessoas. É muito importante chamar a pessoa pelo nome. Através da nomeação compreendemos quem é a pessoa, de onde veio, quantas são, quais seus antepassados”.

Apaxigoo Tapirapé

NASCIMENTO

Taparawoo'i Kislene Tapirapé

Na cultura Tapirapé, desde a primeira gestação, o casal já vem parando de consumir todos os alimentos proibidos (mutum, quati, paca, veado, piroasca, frango) para não nascer os filhos com deficiência.

A partir de 7 a 8 meses de gestante, a mãe da menina pede para ela ficar na rede, para aconselhar o filho da filha ainda na barriga. O conselho se refere que esta criança tenha um bom nascimento.

As mulheres gestantes da comunidade Tapirapé fazem ponto nas redes. Mas quando o bebê nasce, os casais ficam de resguardo, sem comer caça e pesca, só ficam comendo mingau de arroz sem açúcar.

Quando o umbigo da criança cai, o pai da criança é pintado com jenipapo, de manhã a família enfeita o pai e passa urucum no seu cabelo, pois, ele será liberado pela primeira vez para comer peixe e voltar a beber água. E a mulher continua ficando no resguardo aproximadamente 3 semanas sem comer carne, só mingau de arroz.

NOMEAÇÃO

Xawarakymaxowoo Tapirapé

Para o povo Apyãwa, há muito tempo, existe a nomeação porque sempre foi desta forma na nossa cultura.

A nomeação é importante para nosso povo Apyãwa, o que significa que a nossa nomeação ainda existe na nossa cultura. Aliás, a nossa nomeação sempre foi respeitada pela comunidade indígena Apyãwa.

Porém quando o povo coloca o nome nas pessoas, em primeiro lugar é importante perguntar para as pessoas mais velhas se o nome pertence a uma família ou não, se não o nome não é colocado de qualquer jeito. Tem que colocar o nome da sua família, nome da vó, do avô, bisavó e assim por diante.

O povo Apyãwa adorava o nome de vários seres vivos, insetos, aves, peixes e animais, porém o povo colocava o nome para ser adotado, veja alguns exemplos: *Xoi* (tipo de sapo), *Karawaroo* (paca), *Xeroxi* (tipo de pomba), enfim para o povo Apyãwa tem muitos nomes que vem dessas espécies.

NOMEAÇÃO

Apaxigoo Tapirapé

Para nós povo Tapirapé, a nomeação é uma parte da cultura muito valorizada. Utilizamos a nomeação para identificar e diferenciar as pessoas. É muito importante chamar a pessoa pelo nome. Através da nomeação compreendemos quem é a pessoa, de onde veio, quantas são, quais seus antepassados. A nomeação é utilizada para saber qual a árvore genealógica inteira de uma pessoa ou de uma família.

Por exemplo, quando uma pessoa é nomeada, sabemos que está usando o nome dos seus antepassados, às vezes até esquecemos e só lembramos quando uma pessoa é nomeada ou chamada pelo tal nome. Quando lembramos falamos – ah!!! É o nome do pai, avô, bisavô ou tataravô dele. Às vezes uma pessoa usa o nome da parte da sua mãe. Todos nós sabemos que existem vó e vô materno, existem também vó e vô paternos. Então sabemos que, o que ocorre com a gente é o mesmo que ocorreu com nossos avôs, bisavôs e tataravôs. A nomeação para nós, como povo Tapirapé, é praticada e pensada de geração em geração. Na atualidade, a nomeação é muito valorizada na nossa cultura.

Quando uma criança nasce é nomeada pelo próprio pai ou avô, no primeiro, no segundo ou no terceiro dia após o nascimento. Quando o nome não foi escolhido antes do nascimento, leva mais tempo para escolher o nome. A nomeação da criança ocorre dentro de casa da criança.

A nomeação também ocorre assim: quando uma criança nasce, o primeiro filho de casal é nomeado pelo seu avô e avó paterno ou materno. É nomeado por aquele que se manifestar e se preparar antes do nascimento ou logo após o nascimento da criança. Não ocorre nenhuma reclamação. Todos agem com paciência e respeito.

Se uma criança é nomeada pela avó e avô paterno primeiro, a segunda criança vai ser nomeada pela avó e avô maternos, ou então só a terceira criança. Por que a segunda criança pode ser nomeada também pelo avó e avô maternos, não há reclamação. Todos agem com paciência e com respeito, respeitando nossa cultura. Sabemos também que haverá outras chances.

Na nossa cultura como povo Tapirapé, também existem separação de nomes. Existem nomes das crianças para meninos, meninas, rapazes e moças, idosos e idosas. Na infância usamos o primeiro nome, pode ser um, quatro nomes ou mais, depende do nome de quantos vai ter. Assim pode ocorrer com uma pessoa adulta. Pode ser chamado pelos quatro nomes que possui, mas não de qualquer jeito. Cada pessoa tem o ciclo de vida, então no decorrer do tempo vai usar todos os nomes que possui.

Outra forma de nomeação ocorre no pátio da casa dos homens. Um ancião ou pessoa mais nova é responsável pela nomeação das pessoas. Esse ritual de nomeação ocorre mais ou menos as 18:00 às 21:00 horas. Quanto mais pessoas são nomeadas mais tempo leva para terminar. Se apenas uma pessoa é nomeada mais cedo termina o ritual de nomeação.

A pessoa que é responsável pela nomeação grita no centro da aldeia no pátio da casa dos homens para que o povo ouça, expressando o nome para o povo. Grita para o povo, chamar tal pessoa pelo novo nome, porque aquele nome é o que vai ser usado. A pessoa que é responsável pela nomeação pode nomear qualquer pessoa só não pode colocar nome em si mesmo, tem que falar para outra pessoa o nomear, uma pessoa que também é responsável pela nomeação.

É assim que nós praticamos a nomeação dentro da nossa cultura.

LÍNGUAGEM

Wariniawytyga Rafael Tapirapé

Na minha opinião, a língua materna Apyãwa é a mais importante para nós indígenas dominar. É preciso saber bem a forma oral e também a escrita. Todas as crianças Apyãwa nascem com a capacidade de utilizar a linguagem humana, e a linguagem serve para que o povo Apyãwa possa fazer muitas coisas por meio da comunicação, por isso a língua tem muitas funções.

A linguagem serve para as pessoas expressarem seus pensamentos, suas emoções, sentimentos, seus sonhos, seus desejos e intenções. Ela pode ser utilizada para conversar e para construir discursos políticos, para fazer poesia e fazer descrições.

Enfim, hoje em dia as crianças Apyãwa misturam muito as línguas Apyãwa com portuguesa, por isso nós professores precisamos ensinar melhor as crianças sobre os conhecimentos de nosso povo, e assim fazer com que se abra a mente delas para não olhar o mundo pelo olhar do não indígena, mas em primeiro lugar com o olhar da nossa cultura Apyãwa.

Para a comunidade Apyãwa, a língua materna é muito importante para valorizar a cultura e por isso precisa ser praticada no dia a dia. A nossa língua sempre estará ligada à nossa cultura tradicional, dança, música e ritual. Todo esse conhecimento é muito importante para nosso povo Apyãwa, porque cada conhecimento dos povos é diferente uns dos outros.

LINGUAGENS

Kanio Djalminho Tapirapé

Atualmente, os trabalhos dos professores da Escola Estadual Tapirapé estão sendo ótimos, devido estarem sendo desenvolvidos na língua materna. Por outro lado, está cada vez mais complicado a perda de identidade cultural devido a influência do não indígena, por isso, os professores estão preocupados sobre a preservação da cultura para que não desapareça a língua materna de nossos costumes.

Na sala de aula, os professores ensinam os alunos sobre as palavras que só desapareceram, ou seja, algumas palavras que caíram em desuso estão sendo recuperadas e agora nós utilizamos nas nossas conversas. Por exemplo: *xexoma*, *axakwapetym*, *atywat*, todas as palavras que nós recuperamos estão sendo utilizadas nos diálogos para manter sempre em uso na língua.

Assim os professores trabalham sobre a língua materna. Primeiramente, eles fazem pesquisa sobre a língua materna, depois eles passam para os alunos para utilizar novamente. Tudo que os professores ensinam para os alunos sobre a língua materna, eles sempre reforçam a importância de recuperar cada vez mais a nossa língua materna.

Essa é a maneira de estarmos recuperando cada vez mais a nossa língua materna. Os professores também trabalham tentando barrar a substituição da língua materna pela portuguesa, que está cada vez mais estranho. Por isso, os professores estão substituindo as palavras da língua portuguesa, *Ieremyi* Tapirapé cria *xapexiga* é uma palavra criada para significar bacia, por isso, o povo Apyãwa estão tentando utilizar só a expressão na língua materna.

Na sala de aula, os professores ensinam os alunos sobre leitura na língua materna, sobre escrita na língua materna, e sobre a nossa língua tradicional. Os registros dos professores

e os trabalhos dos alunos estão ficando ótimos. Isso mostra que os professores estão trabalhando muito sobre a língua materna para substituir a língua portuguesa.

Atualmente, muitas palavras dos não índios estão entrando na cultura do povo Tapirapé, na língua materna. Para não descaracterizar nossa linguagem, os professores estão criando os nomes dos objetos na língua Tapirapé, para comunidade começar chamar pelo nome que os professores estão criando. Por exemplo, *Kajapa'axiga* é uma das palavras que significa bola. Por isso a comunidade está utilizando as palavras novas para chamar as coisas dos não índios.

A criação das palavras novas é muito importante para o povo Apyãwa, pois contribui na manutenção da língua materna. Eu espero que os professores continuem trabalhando sobre a língua materna para proteger e valorizar mais a língua materna e a nossa cultura para ela ficar sempre viva.

PARTE II- ALGUNS COSTUMES DO POVO TAPIRAPÉ

“Nos dias de hoje a alimentação do meu povo Tapirapé é muito influenciada pelo não indígena. Hoje em dia, meu povo já mudou muito. Atualmente o meu povo consome muito alimento não indígena, por exemplo: refrigerante, arroz, feijão, macarrão etc”.

Renato Kaorewygoo Tapirapé

ALIMENTAÇÃO

Renato Kaorewygoo Tapirapé

Antigamente, meu povo não consumia alimentação não indígena. Além disso, a nossa gente só comia a alimentação tradicional.

No passado, a gente consumia peixes, animais, aves e frutas, entre tantas outras coisas disponíveis na natureza.

Antigamente, também se consumia as frutas que ficam disponíveis na mata, como por exemplo murici e mangaba. Essas são algumas das frutas que meu povo comia na aldeia.

Percebe-se que só se comiam alimentos saudáveis, como os alimentos da mata ou os que eram produzidos na roça, era só esse tipo de alimento que o povo Tapirapé consumia. Então, era assim a maneira que meu povo se alimentava, mas que mudou muito nos tempos atuais.

Nos dias de hoje a alimentação do meu povo Tapirapé é muito influenciada pelo não indígena. Hoje em dia, meu povo já mudou muito. Atualmente o meu povo consome muito alimento não indígena, por exemplo: refrigerante, arroz, feijão, macarrão etc.

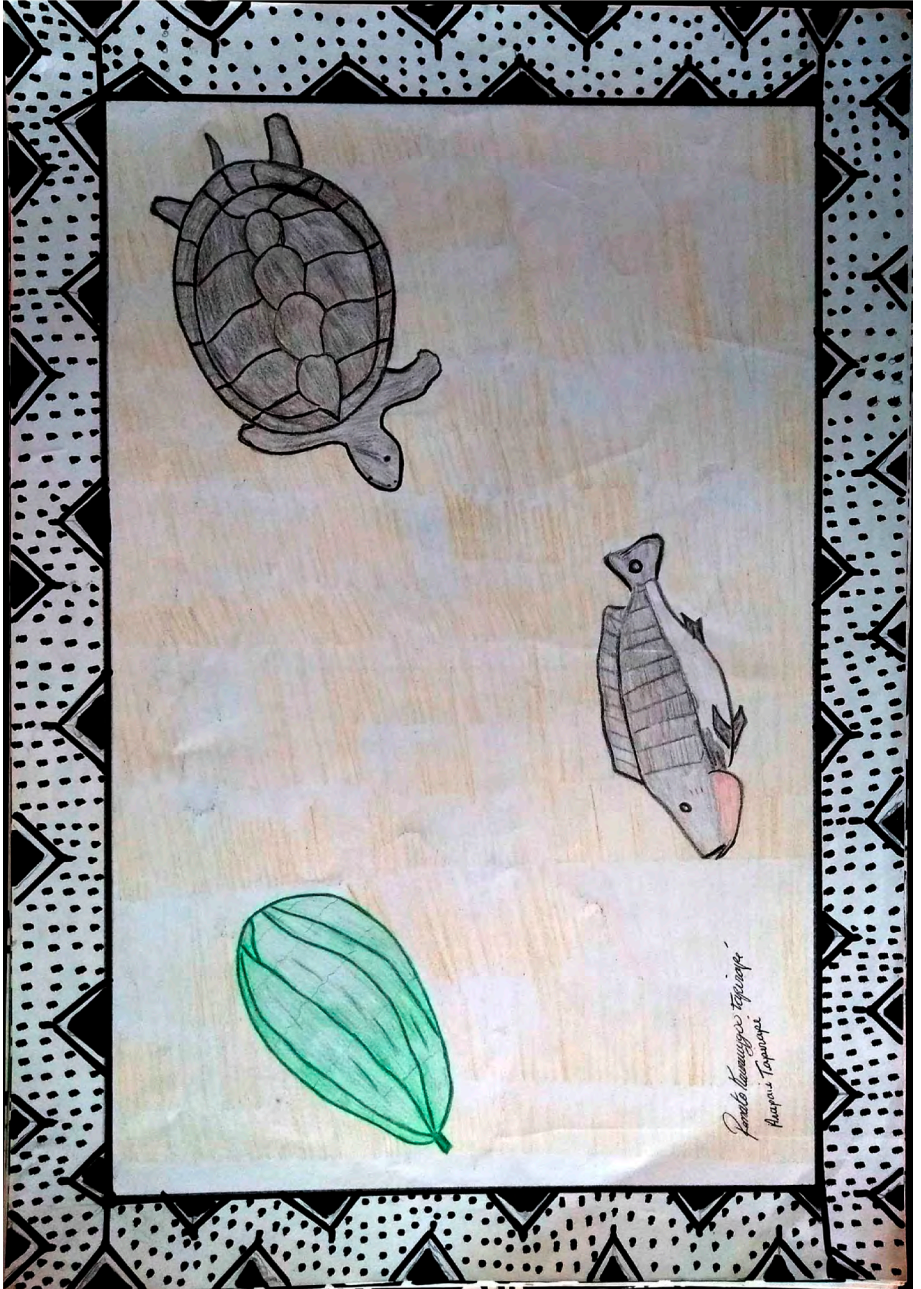
ALIMENTAÇÃO

Koraj'i Tapirapé

Sobre nossa alimentação, nós plantamos na roça os alimentos que são saudáveis, tais como: mandioca, macaxeira, melancia, banana, amendoim, abobora, milho, feijão, arroz e pipoca para nossa sobrevivência. Também nos alimentamos da pesca, da qual consumimos peixe e da caça de animais como a tartaruga, porcão, caititu, pato, mutum e galinha que criamos. Esses alimentos que consumimos e que tiramos da natureza não fazem mal ao nosso organismo, por isso sempre fazemos a roça para plantar. Cabe lembrar que cada planta tem uma regra de plantar pelas pessoas, como por exemplo, a batata é plantada somente pelas mulheres.

Já sobre a pesca, somente os homens podem pescar. As mulheres são responsáveis por preparar o alimento em casa. A mesma coisa acontece na caçada, em que somente os homens podem caçar e as esposas são quem preparam.

São estes os alimentos que mais consumimos e são essas algumas das regras que praticamos e respeitamos em nossa cultura. É importante lembrar que atualmente consumimos alimentos industrializados que prejudicam o organismo e que podem causar doenças.



Paralelamente, Topografía
Algebra y Topografía

ROÇA

Myryxiwygi Tapirapé

Quando nós queremos fazer a roça, primeiramente procuramos a terra boa, principalmente terra úmida e terra arenosa.

Na arenosa nós plantamos: mandioca, macaxeira, batata-doce, feijão de corda, abóbora etc. Na terra úmida nós plantamos: banana, melancia, milho, cará e outros mais. Por isso nós procuramos o lugar melhor para fazer a roça.

Quando nós achamos lugar para fazer a roça, primeiro só marcamos lugar, depois reunirmos com a nossa família. Levamos para a roça, genro, avó, tio, irmão, e outro mais toda família tem que ir trabalhar na roça, só homem.

E nós utilizamos as ferramentas: foice, facão e enxada, usamos também chapéu, calção, botina e outros mais. Depois de arrumar tudo isso, nós vamos roçar quando nós fazemos roça grande, a roça pequena demora uma semana.

Quando roçamos todo o lugar onde vai ser a roça, nós esperamos secar as folhas, mais ou menos dois meses ou um mês. Depois que as folhas secam, aí queimamos a roça. Depois da queimada, esperamos chuva, quando chove, aí já pode plantar e primeiro plantamos: melancia, milho e mandioca. Outros plantios podem ser feitos depois.

Então é assim que nós fazemos a roça.

ROÇA

Renato Kaorewygoo Tapirapé

Na minha concepção sobre o nosso costume de vida cultural, cada vez está mudando por vários motivos.

Antigamente a organização era muito diferente do que é atual. Eles sabiam o tempo de fazer a roça, através da natureza.

Existiam e existe ainda marcação de tempo para fazer aquela atividade necessária.

O tempo de fazer a roça era sempre quando o trovão fazia barulho uma vez. O povo Apyãwa sabia que esse era o sinal de usar o pessoal para fazer a roça.

Então cada liderança de família se organizava preparando os materiais necessários.

O povo Apyãwa não fazia roça em qualquer lugar, procurava um lugar arenoso, pedregoso, e lugar úmido que é o específico para aqueles produtos da roça.



ROÇA APYÃWA

Pete'i Flavio Tapirapé

Para iniciar a produção da roça, o povo Apyãwa vai à floresta a procura de um local adequado e que deve ser fértil.

Os nossos antepassados começavam a fazer a roça no mês de janeiro, porque nesse mês começava a cair fruta verde do cajá. Por isso que o povo Apyãwa já sabia que era o tempo certo para começar a produzir a roça.

O povo Apyãwa fazia a roça sem medir e nem fazer picada para cortar, roçava até onde estiver caçando.

Após a roçada começava a derrubar, onde se organizava para cortar as árvores pequenas e maiores.

A cada derrubada das árvores os homens gritavam para avisar os companheiros, inclusive gritavam pela vitória da derrubada das árvores maiores.

E para queimar a roça, o povo Apyãwa chamava o pajé, para sonhar com a chuva, que dia vai chover, e contava para os donos da roça, e em seguida os donos da roça queimavam todas as roças deles.

Na roça é plantada uma variedade de produtos como: mandioca, abóbora, macaxeira, melancia, milho, batata-doce e etc.

Assim o povo Apyãwa trabalhava na roça.

A PESCA

Evandro Ikaraxo Tapirapé

O povo Apyãwa, quando vai à pesca sempre utiliza anzol, fibra (linha), chumbo e arco e flecha, mas não é simples chegar até o rio, porque a aldeia Urubu-Branco fica muito longe desse rio. Por isso sempre que a pessoa pesca, vai de moto ou de carro até na beira do rio, e de lá o pescador vai pescar de canoa.

Antigamente o povo Apyãwa não tinha essa dificuldade para chegar até o rio, porque morava na aldeia *Majtyritãwa* e ela não ficava tão longe desse rio, por isso o pescador facilmente chegava. Então ali Apyãwa consumia mais o peixe do que carne que vem do mercado. Todo tipo de peixe são pescados no rio, por exemplo: Piranha, Pacu, *Matrinxã*, *Tukunaré*, etc.

No tempo da enchente dos rios, os peixes são muito difíceis de pegar no anzol, então além desse anzol, utilizam arco e flecha para pescar. Na pesca os jovens também acompanham, eles vão para aprender como pescar. Principalmente no tempo da pesca que é muito fácil de pegar todos os tipos de peixes.

Atualmente ainda pescamos no rio, mesmo que fique muito longe da aldeia, porque precisamos sustentar a nossa família, não ficar comendo só carne que consumimos de mercado.

Então a pesca é muito importante para o nosso dia-a-dia, porque através do conhecimento dos seus pais eles vão sustentar a sua família também.



A PESCA

Wyratari Tapirapé

A pescaria acontece assim, quando o pessoal quer pescar, todos se reúnem no terreno da *Takãra*, e quando terminamos a reunião, o pessoal arruma suas coisas para levar na pescaria. O caminhão às vezes vem buscar o pessoal para levar até na beira do rio. Quando chega lá é que começamos pescar.

Na pescaria tem dois grupos que participam. Grupo de *Wyraxiga* e *Araxa*. Lá no rio o pessoal marca horário para voltar até o caminhão. O pessoal pega piranha, tucunaré, pintado e outros. Quando pegamos muito peixe e voltamos para a aldeia, o pessoal desce do caminhão e cada um vai para sua casa.

Na casa só as mulheres trabalham para fazer o peixe. As mulheres fazem cozido, assado e frito. Quando de tardezinha, o pessoal se junta no terreiro da *Takãra* esperando as mulheres.

As mulheres levam comida para seus maridos lá no terreiro da *Takãra*. No terreiro da *Takãra* se juntam os grupos *Wyraxiga* e *Araxa*. Quando levamos toda a comida, o pessoal come, e é assim que acontece a pesca.



Имачууныга тэргэлдэ
04-02-2014

CAÇA

Kararawore Fabinho Tapirapé

Primeiramente eu vou contar um pouco sobre caçada do povo Tapirapé. Antigamente o povo Tapirapé caçava com arco e flecha. Quando o povo Tapirapé quer caçar, primeiramente tem que reunir no terreiro da Casa dos Homens (*Takāra*), em seguida o pessoal arruma arco e flecha e buduna, e sai para caçar porcão.

Antigamente o povo Tapirapé usava mais arco e flecha para caçada, por que sempre caçava o porcão, macaco, caititu, mutum e veado, etc. O povo Tapirapé gosta de caçar no mato e no varjão, quando a pessoal quer caçar, tem que sair bem cedinho para encontrar rastros de porcão e outro bicho. Quando o pessoal mata o porcão, máximo de seis ou mais animais, tem que dividir para as pessoas que não conseguiram matar, porque a cultura do povo Tapirapé é assim mesmo.

Quando uma pessoa mata porcão numa caçada, tem que dividir com sua família. Antigamente o povo Tapirapé matava o porcão com arco e flecha e a burduna, também caçava com ajuda de cachorros para pegar alguns bichos para seu dono, como exemplo: porcão, caititu, jabuti e outros etc.

Antigamente, também o pessoal conseguia caçar a pé, até no mato, porque não tinha tecnologia. Hoje o pessoal usa mais a espingarda, porque é mais fácil de matar o bicho que a gente vai consumir. Na espingarda a gente mata porcão, caititu e outros, mas, algumas pessoas ainda usa arco e flecha para caçada. Atualmente, também as pessoas usam muito a moto para caçar no varjão.

Essa é a diferença da caçada do povo Tapirapé hoje em dia e antigamente.



23/02/2017
Fabrício Teixeira

CAÇADA DO POVO TAPIRAPÉ

Magno Yakymytymyga

Nós como povo Apyãwa, caçamos a caça de maneira diferente. O povo Apyãwa reúne a comunidade para ir na caçada. Todos os homens se juntam na Casa dos Homens e escolhem o local para ir caçar. Eles saem em grupo, e somente os homens vão na caçada. Para caçar levam espingarda, facão, arco e flecha, alguns levam as burdunas para abater a caça principal, que é o porcão.

Essa caçada acontece no mês de dezembro, quando os homens terminam de construir a Casa dos Homens (*Takãra*). O povo Apyãwa sai da para a caçada de porcão, caititu, macaco, jabuti e outros para perfumar a Casa dos Homens com cheiro de caça, e tudo que foi caçado é levado para lá. Assim nós organizamos a caçada quando termina de construir a casa dos homens.

Tem caçada que nós realizamos no mês de junho, que é quando acontece a festa do Cara Grande. Essa caçada é realizada pelo cacique Apyãwa, e dura no máximo 2 semanas ou até menos dependendo da quantidade de bichos que são caçados. Todos os homens vão para o mato e acampam no lugar que tem árvore para colocar a rede, só os homens fica no acampamento.

Os caçadores só voltam para casa quando matam muitos porções. Durante a caçada os mais velhos contam a história de nosso ancestrais, de como eles viviam na caçada, e ensina o jovem de como e onde pode atirar no porcão.

Assim o jovem aprende com os mais velhos, então assim nós organizamos a caçada dos homens, para as festas tradicionais.

CONTRUÇÃO DA CASA

Renato Kaorewygoo Tapirapé

Os nossos antepassados faziam nossas casas no formato tradicional, igual a *Takāra* (casa dos homens). Anteriormente, os nossos antepassados tinham que cortar a madeira que servia para a construção da casa, além disso, tinham que cortar taboca e folhas de bacaba em quantidade suficiente para cobrir a casa.

Quando os nossos antepassados queriam fazer casa, esse trabalho ocorria em período determinado, pois existe mês certo para cortar madeira e taboca.

Na lua cheia nossos antepassados acertavam a construção da casa para aguentar o inverno. Nossos antepassados também não construíam paredes na casa, com tijolo.

No dia de hoje, o meu povo já mudou muito a construção das casas. Quando alguém está querendo fazer a casa, primeiro ele compra o material de construção da casa na cidade. Então, é assim que hoje em dia as casas são construídas.

CONTRUÇÃO DA CASA

Kararawore Fabinho Tapirapé

A construção da casa do povo Tapirapé é feita de palha e taboca. Quando o povo Tapirapé quer construir a casa, primeiro tem que escolher um local para construir. Somente os homens que se envolvem na construção da casa. Alguns materiais utilizados são: palha, taboca, embira e madeira. Cada ano o povo Tapirapé renova suas casas. O povo Tapirapé busca material para renovar suas casas no mato e no comércio da região.

O povo Tapirapé carrega a palha de caminhão. Depois que termina de carregar e descarregar o caminhão tem que organizar a palha novamente. Para começar a construção da casa, cada família tem que trabalhar junta.

Hoje em dia, o formato e a maneira de construir as casas do povo Tapirapé mudaram muito. Agora a casa do povo Tapirapé é igual à casa do homem branco, pois ela é feita de telha e tijolo.

Então é assim que vem acontecendo hoje em dia a construção das casas do povo Tapirapé.

PARTE III- CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA

“Na nossa cultura a moça sempre tem direito de ficar na casa dos seus pais, só o rapaz deixa sua família para morar na casa de sua esposa”.

Apaxigoo Tapirapé

CASAMENTO

Apaxigoo Tapirapé

Na nossa cultura, como povo Tapirapé, existem várias maneiras de realizar casamentos. Alguns ainda são realizados, outros não são mais realizados. Mas isso não quer dizer que foi extinto, pode ocorrer em qualquer momento. Afirmo isso porque algumas maneiras já foram resgatadas e é praticado atualmente.

Primeiramente vou falar sobre casamento tradicional que era realizado antigamente. Uma maneira de realizar casamento era colocar uma corda no pescoço da criança tipo um colar para marcar. Assim um menino e uma menina eram marcados e no futuro quando se transformava rapaz e moça já era visto como casal. Isso dependia da combinação dos pais das crianças. Quando a menina ficava reclusa durante a menstruação, o rapaz também ficava recluso junto com ela. Mas era sim, tinha duas redes para dormirem separados. A moça fazia e aprendia papel da mulher e o rapaz também fazia e aprendia papel do homem. Assim era uma forma de realizar casamento pelos nossos antigos.

Outra maneira de realizar casamento era levar dois jovens no pátio da casa dos homens, aconselhar, para se tornarem um bom casal. Era aconselhado pelos pais e avós. Isso só era realizado quando o rapaz vivia na casa dos homens. No final a futura esposa do rapaz levava rede dele na sua casa e assim encerrava esse ritual de casamento.

Na nossa cultura a moça sempre tem direito de ficar na casa dos seus pais, só o rapaz deixa sua família para morar na casa de sua esposa. Assim o rapaz entra na família da sua esposa. Para nós a sogra e o sogro são a segunda mãe e pai.

A outra maneira de realizar o casamento era assim: uma mulher casada se interessava pelo homem casado ou então fazia pelo contrário. Até homem solteiro se interessava pela mulher casada ou mulher casada se interessava por

homem solteiro, assim por diante. Essa maneira de realizar casamento terminava na fuga ou na luta. Porque se marido procurava esposa, se encontrava começava a lutar. Nessa luta quem era o campeão, era quem mais batia. E ele é que ficava com a mulher.

O casamento das pessoas de melhor idade também ocorria na nossa cultura. Mas esse casamento era realizado só para os idosos cuidarem um do outro. Já que não podiam mais ter filhos e construir uma família grande. Então combinavam e assim realizavam o casamento de muitas maneiras.

Atualmente também ocorre casamento na nossa cultura. Mas muitas vezes a ocorrência é incomparável com a de antigamente.

Por exemplo, um rapaz conhece uma moça na festa, começa a namorar e sair da festa já casando. Muitas vezes o casamento dá certo e muitas vezes não. Alguns jovens preferem não contar o namoro para os seus pais, namorarem escondidos muito tempo. Mas alguns jovens saem prejudicados, por que cai no golpe da barriga. Então atualmente o casamento na nossa cultura, às vezes é muito problemático. Mas ainda praticamos e realizamos o nosso casamento tradicional.



CASAMENTO

Wariniawytyga Rafael Tapirapé

O verdadeiro casamento do povo Apyãwa/Tapirapé acontecia da seguinte forma: tanto moça e o rapaz quando se achavam muito bonitos, ou seja, se o rapaz gostasse dela, ia informar sobre sua namorada para seus pais e da mesma maneira a moça informa sobre seu namorado para os pais.

O casamento do nosso povo acontecia de várias maneiras, algumas das mulheres novas iriam casar com os homens adultos, a mesma forma do rapaz também casar com uma mulher adulta.

Outra forma de casamento é quando o recém-nascido, o menino e a menina já nascem compromissado, escolhido pelos avós de cada família, por isso, os dois durante o seu crescimento tem que esperar um ao outro. Quando ele tem aproximadamente 5 ou 6 aninhos, os dois iam comer juntos, tanto na casa da menina e do menino, mas nesse momento, quem cuidava mais dos dois eram os pais dele.

Depois que a primeira menstruação da menina vinha, os dois têm direito de ter resguardo, tomando somente mingau de *Kawi*. Por fim, os dois pintam o corpo inteiro de preto como jenipapo. Os dois durante o resguardo ficam separadamente dos outros, e na sua primeira saída da cerimônia são bem enfeitados, isso acontece bem cedinho as 6:00 horas, até nesse dia não haverá o seu casamento.

No segundo resguardo deles, ocorre da mesma forma, durante a menstruação. Nesses dias os dois saem sempre enfeitados. A noite, ao lado dos pais, seus irmãos e irmãs, recebem novos nomes que são pronunciados e divulgados durante um canto no terreiro da *Takãra*, chamando atenção das pessoas para ouvi-los,

No mesmo dia da cerimônia deles, a noite as 7:00 horas, os dois são levados pelas famílias deles no terreiro da *Takãra*, onde acontece o casamento deles, por isso a primeira

fala da futura sogra para o futuro genro é da seguinte forma: Estou trazendo sua irmã. Cuida bem da sua irmã, não separar dela, quero que você trabalhe para mim. O rapaz tem que cuidar direitinho da sua mulher.

Outro casamento acontecia assim, o rapaz ia pedir a moça em casamento, na casa dela. Isso acontecia quando o rapaz achava uma moça bonita, isso também acontece quando os dois não se conhecem.

Outro casamento era assim, na menstruação, a mãe perguntava para sua filha, se sua menstruação foi normal. Quando acontece da moça já ter relação sexual, ela informa a sua mãe, e junto com a mãe vai atrás do rapaz, para que os dois fiquem de resguardo, depois da primeira saída deles do resguardo acontece o casamento.

FAMÍLIA EXTENSA E NUCLEAR E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Kanio Djalminho Tapirapé

Uma aldeia Tapirapé é composta por casas dispersas em círculos ao redor da casa dos homens chamada de *Takāra*. Até a década de 1850 as casas eram habitadas por famílias extensas. Uma família Tapirapé, idealmente, se compõe de um grupo de mulheres aparentadas, mãe, filhas e netas, representando duas a três gerações (isso chamamos de família extensa).

Atualmente a família extensa perdeu importância e a família nuclear representada pelo casal e seus filhos é o grupo doméstico mais comum. A família nuclear ocorre através das mudanças ocorridas pelo tempo, atualmente é a unidade de parentesco mais estável.

Além do parentesco, outro importante princípio organizativo da sociedade Tapirapé são as chamadas sociedades de pássaros ou, simplesmente *Weyrã*.

Exclusivamente masculinas tais sociedades (dos pássaros) são divididas em duas grandes metades, que por sua vez compostos por grupos de idade de homens mais velhos, homens maduros e jovens. Um homem liga-se a sociedade de pássaros de seu pai e à medida que cresce vai passando todos os seus descendentes para o mesmo grupo. As *Weyrã* atuam competitivamente como grupos de caça, de trabalhos cerimoniais, de canto, em tarefas agrícolas, construção de casas etc.

FAMÍLIA EXTENSA NUCLEAR E O COMPARTILHAMENTO

Apaxigoo Tapirapé

Na nossa cultura, como povo Tapirapé, quando uma criança nasce, ela é ensinada desde pequena pelos pais ou avós. É ensinada para conhecer o nosso mundo, conhecer melhor nosso povo e ver as coisas na visão do povo Tapirapé. Assim a criança vem sendo ensinada e cresce preparada para praticar a nossa cultura conforme a nossa cultura permite.

Então, a primeira educação que a criança recebe dos pais é aprender a compartilhar. Compartilhando, a criança conhece seus parentes, seus irmãos, irmãs, tios, avós. Conhece todos os que estão em sua volta. É muito comum ver as crianças da nossa aldeia levando alimentos nas casas dos seus parentes. É assim que os pais ensinam aos seus filhos.

A outra maneira de ensinar a conhecer e cuidar dos nossos parentes é chamar para comer com a gente. Assim todos os pais e crianças se juntam, e fica mais fácil para se conhecerem. Os pais ensinam os seus filhos e os preparam para ser boa pessoa no futuro. Mesmo tendo a família extensa sempre compartilhamos.

Nós como povo Tapirapé não praticamos o capitalismo, praticamos socialismo. Não somos capitalistas, somos social. Sempre mantemos família extensa e nuclear no lugar. Para nós povo Tapirapé a família extensa e a nuclear não se separam.

PARTE IV- DIFERENTES FORMAS DE EDUCAÇÃO TAPIRAPÉ

“Eu vi tudo isso quando cheguei no Ensino Médio, as coisas estão desaparecendo, principalmente a prática cultural. Por isso me interessei, me desafiei para que também aprenda a prática cultural do povo Apyãwa, principalmente as festas do povo, para que eu possa contar futuramente para meus filhos e netos, para que eu possa viver como biblioteca viva para nossas gerações”.

Awaetekato Tapirapé

EDUCAÇÃO CULTURAL

Marewa Tapirapé

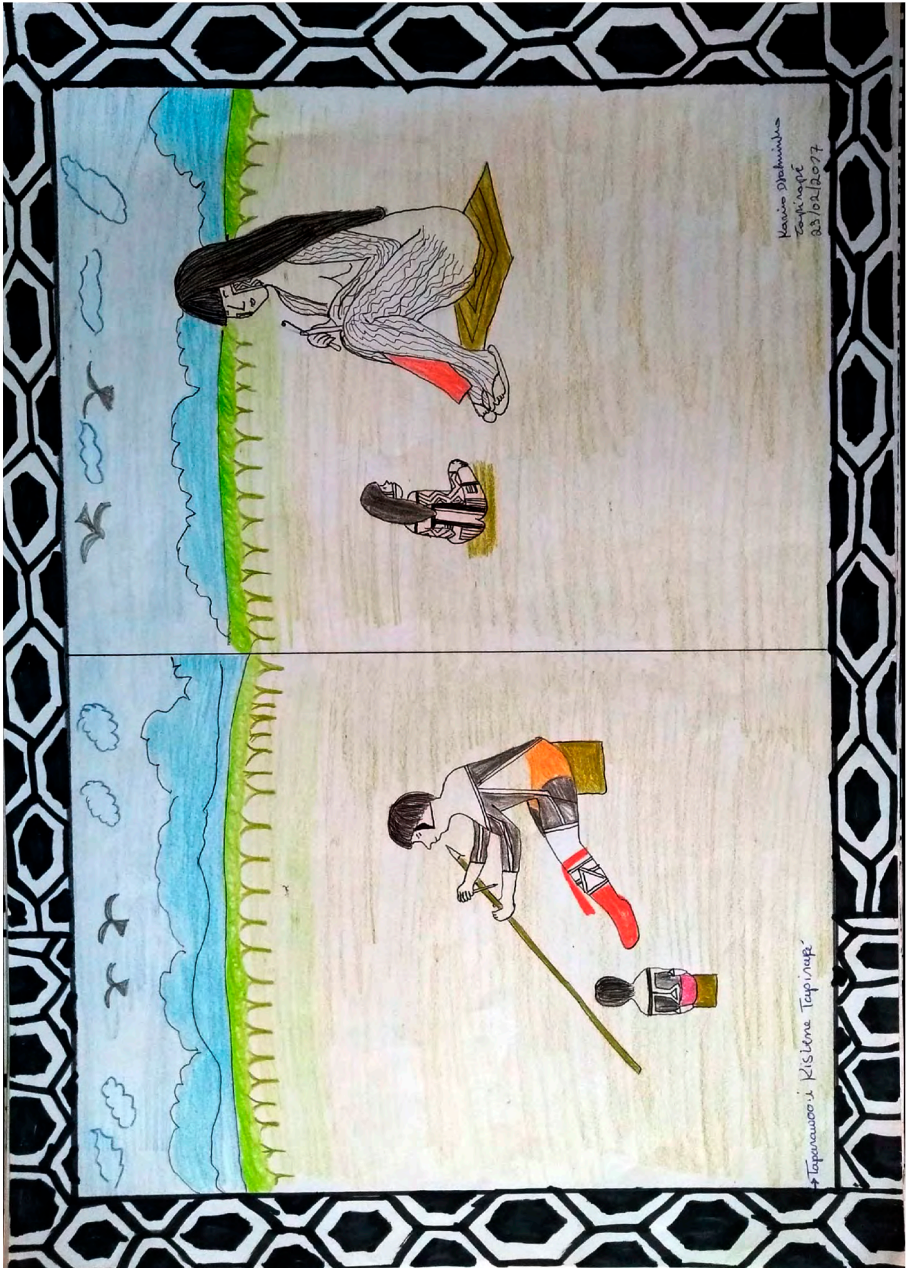
Nós como povo Tapirapé reforçamos a necessidade de fortalecer mais nossa língua e nossa cultura.

Um dos primeiros ensinamentos do povo Tapirapé é fazer arco e flecha juntamente com seus filhos, além de ensinar a fazer artesanato, saber jogar a flecha, aprender caçar e a pescar. Todas as mulheres ensinam suas filhas como preparar a comida, como fazer redes e artesanatos, além das outras atividades que competem as mulheres.

Desde criança, aos 7 anos de idade, é preciso saber trabalhar e aprender fazer *tamakora* e *tapaja* para carregar criança. Essa atividade é ensinada de mãe para filha.

Os pais de meninos ensinam a fazer a roça, a pescar e a caçar, além de ensinar aspectos culturais. A mulher aprende a pintar os homens e as crianças. A comunidade nos ensina sobre educação cultural.

Nós como Tapirapé participamos ativamente de nossas festas culturais. Os homens cantam histórias no terreiro da *Takãra* e também nossa comunidade educa os rapaz sobre educação cultural.



Kavina Sthambha
Tanjungsari
03/02/2017

Tegaranawati Kislana Tanjungpuri

EDUCAÇÃO CULTURAL

Ima' Awytyga Tapirapé

Na realidade do povo Tapirapé existem vários tipos de aprendizagem, porque o povo Tapirapé é trabalhador e tem uma cultura própria. Cada pessoa tem sua experiência para ensinar seus filhos com sabedoria sobre a cultura, porque no tempo dos anciões não tinham outras maneiras para aprendermos de outros modos.

Então, no tempo dos anciões só tinha a casa dos homens que ensinava sobre a cultura. Era uma verdadeira escola, porque na casa dos homens a rapaziada ia aprender vários saberes dos mais velhos, como por exemplo, as histórias, contos, danças, arco e flecha, artesanato e outros mais. Então na casa dos homens os rapazes aprendem com os mais velhos, já em casa, os rapazes e meninos aprendem com o pai, tio e sua família sobre trabalho para sustentar familiares.

Também as meninas aprendem com mãe, tias, avós, porque a tarefa das moças é aprender para cuidar da casa fazer comida e outros trabalhos. Porque esses ensinamentos servem para preparar a moça para quando ela for casar e, sendo assim, já saiba cuidar e cozinhar para a família.

Os rapazes aprendem muito diferente das moças, porque com o vovô eles aprendem a plantar, caçar, fazer roça, roçar e aprendem conto e dança da casa dos homens.

Então foi assim que era nossa educação cultural na realidade do povo Tapirapé. Antigamente nossos anciões ensinavam seus netos e netas para serem trabalhadores futuramente. Hoje a educação cultural está mais com a própria família.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

Kanio Djalminho Tapirapé

A educação escolar indígena atualmente é resultado da luta de resistência de cada etnia, colocando os conhecimentos atuais, respeitando seus próprios processos de educar seus filhos tanto na educação indígena formal e informal.

Entretanto iniciou-se a organização dos movimentos indígenas e surgiram novos indícios a respeito da educação escolar indígena, não mais integracionista.

Isso tudo é obrigatoriamente lembrando e trabalhado em sala de aula com as crianças do povo Tapirapé, principalmente a valorização da sua identidade cultural e os conhecimentos que conhecemos dos nossos ancestrais. Nós do povo Apyãwa, apoiamos todas as propostas que a comunidade oferece para garantir a educação escolar indígena diferenciada. Por exemplo, na época da colheita, festa, caçada, caça e pescaria não temos aula em sala de aula, mas sim os alunos participam da educação tradicional em todos processos realizados pela nossa comunidade.

No dia seguinte dessas atividades tradicionais, é debatido e refletido em sala de aula sobre muitas novidades que os alunos vão levar na sua memória em relação a nossa cultura. Neste sentido, esse processo pode ser considerado muito rico, porque a escola ajuda no fortalecimento da cultura do povo para não ser esquecida.

Dentro da sala de aula, as crianças Tapirapé começam a estudar a partir dos sete anos de idade. Mas eles são alfabetizados na sua própria língua materna. Na verdade, no período entre o primeiro ano até quarto ano eles são alfabetizados somente pela sua própria língua. A partir do 5º ao 8º iniciam a alfabetização na língua portuguesa.

Os professores são do próprio povo Tapirapé, são formados e possuem nível superior.

A escola inicia a partir da 7:00 da manhã com atividades que se estendem até as 11:00 horas da manhã. De tarde inicia as 13:00 e termina as 17:00 horas.

Atualmente, a Escola Indígena Estadual Tapirapé tem aproximadamente cem alunos matriculados.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

Taparawoo'i Kislene Tapirapé

O povo Apyãwa é conhecido como Tapirapé. A língua Tapirapé é falado de uma língua da família Tupi-guarani. Tem uma população de aproximadamente 1.000 pessoas que vivem nas aldeia Tapirapé (Terra Indígena Urubu Branco e Área Indígena Tapirapé-Karajá).

As escolas Tapirapé são diferenciadas, cujo funcionamento é aqui na própria aldeia. Assim, os aspectos culturais são considerados, por isso a escola Tapirapé é muito diferente. A partir dos sete anos de idade as crianças já estudam na escola.

No primeiro dia de aula as crianças têm que aprender seu nome, mas as crianças não fazem o texto, só tem que desenhar elementos da nossa cultura. Essa é uma maneira para as crianças entenderem os nossos costumes. Na escola, a partir de uma certa idade, as crianças tem que saber falar em duas línguas. A partir desse momento os professores também precisam falar nessas duas línguas: língua portuguesa e nossa língua materna. Por isso, os professores Tapirapé precisam saber trabalhar com as duas culturas próprias.

Na escola aprendemos a escrita e a leitura que não sabíamos. Foi elaborado um currículo específico da escola Tapirapé, que apresenta funções próprias de planejamento, forma de ver a metodologia, os encontros pedagógicos, porque nós temos outra língua e cultura e não podemos esquecer esse detalhe. Por isso aqui na sala de aula começa 7:00 e vai até as 11:00 horas. A tarde começa às 13:00 e termina as 17:00 hora, a quantidade de alunos totaliza aproximadamente 100 pessoas só aqui na aldeia Tapirapé.

A língua é a primeira identidade para nós, por isso que na escola Tapirapé a língua materna tem que estar sempre presente para valorizar a língua. Nós como Tapirapé trabalhamos na escola com temáticas da nossa cultura, da

nossa sociedade. Acreditamos que os alunos devem participar e vivenciar essa sabedoria, além de falar e de discutir sobre ela em sala de aula. Por tanto, é preciso manter a nossa cultura, a nossa língua e os nossos costumes vivos.

BIBLIOTECA VIVA

Edilson Xywapare Tapirapé

Dentro da nossa realidade, nós temos muitos conhecimentos sobre nossa história antiga, bem como a história que acontece no presente.

Então nós, como povo Apyãwa (Tapirapé), consideramos a Biblioteca Viva como a pessoa que conta a história que acontece nas coisas no dia a dia do povo Apyãwa.

Nós temos que cuidar da Biblioteca Viva dentro da nossa aldeia, pois ela faz parte da nossa cultura, são pessoas que conhecem a história e que dão conselhos, que contam novidades boas para o povo Apyãwa, essas pessoas que nós consideramos Biblioteca Viva.

Biblioteca Morta, nós consideramos os conhecimentos que estão de forma escrita.

Outro exemplo é quando a pessoa que conta história e transcreve e fica guardado pra si e não pratica, são chamados de Biblioteca Morta.

BIBLIOTECA VIVA

Awaetekato Tapirapé

Biblioteca viva, no meu entendimento, é o conhecimento dos nossos avós, nossas mães, nossos pais que tem essa sabedoria. Essa sabedoria que nós vamos valorizar daqui para frente, para ser ensinada a nossos filhos, netos. Esse ensinamento consiste com a biblioteca viva. A biblioteca que está no livro eu considero como a biblioteca morta. A nossa biblioteca viva é que está presente na nossa vida e que nos dirige e esclarece mais ainda. Também considero biblioteca viva o contato com nossa história, conhecer a história do povo Tapirapé seu artesanato, mito e os contos.

Essa biblioteca viva, nós ainda valorizamos pouco. No meu ponto de vista, hoje em dia o povo Apyãwa (Tapirapé) está passando por um processo de muita complicação e dificuldade, às vezes os jovens não têm interesse em ouvir a história ou de participar da prática cultural do povo Apyãwa.

Quando o não índio fornece muitas coisas deles para o povo Tapirapé, indica que já está mudando muito a cultura Tapirapé, por exemplo: televisão que está fazendo desaparecer contos e histórias à noite no terreiro da casa, isso caso feminino. No caso masculino, eles também não saem mais no terreiro da casa do homem para ouvir histórias que contam nossos anciões. Antigamente a sociedade Tapirapé valorizava mais do que hoje os contos históricos. Para mim, isso mudou muito porque os não índios estão degradando mais perto de nós e oferecendo coisas para destruir nossa cultura, rituais e crenças.

Eu gosto de ouvir histórias, por isso sempre faço questão de pedir para meus pais me contarem uma história para eu guardar na minha mente, para que depois possa passar para o meu filho o que eu aprendi do meu pai.

Eu vi tudo isso quando cheguei no Ensino Médio, as coisas estão desaparecendo, principalmente a prática cultural.

Por isso me interessei, me desafiei para que também aprenda a prática cultural do povo Apyãwa, principalmente as festas do povo, para que eu possa contar futuramente para meus filhos e netos, para que eu possa viver como biblioteca viva para nossas gerações.

CONTAGEM

Gildo Okapytyga Tapirapé

A sociedade Tapirapé tem várias formas de contar o dia, animais mortos e a população. Nós não tínhamos os números que os brancos têm e hoje nós estamos acostumando a contar as coisas com esses números. Mas como nós já tínhamos nossa contagem própria, nós não precisamos desses números.

Por exemplo, contagem dos dias da caça, contagem dos porcos mortos, contagem dos dias com as pedras, contagem da população, tem vários tipos de contagem.

Quando algum homem ia caçar na mata, ele escolhia uma árvore alta, essa árvore era amarrada com embiras para separar cada dia da caça. Quando esses homens completavam um dia de dormida eles amarram uma embira para representar um dia, no dia seguinte amarrava outra para representar dois dias de dormida. E assim eles iam contando os dias que passavam na mata para caçar.

Quando matavam os porcos eles tiravam o pelo dele para marcar quantos cada um matou, se eles matavam cinco porcos eles colocam cinco tiras de pele em cima de um graveto de madeira para que outra pessoa soubesse que cinco porcos foram mortos. Primeiro eles pegavam um graveto de madeira, quando abatiam um animal retiravam uma tira do couro que amarravam com embira no graveto.

No passado o povo Tapirapé não usava símbolo dos números, mas já existia contagem, por exemplo, um dedo representa número um, dois dedos representam número dois, três dedos representam número três e assim por diante até chegar no dez. Depois do número dez iam contando os dedos dos pés, representando os números onze, doze, treze.

É assim que nossa cultura fazia contagem.



CONTAGEM

Wyratari Tapirapé

Então... antigamente fazíamos a contagem assim: quando ia caçar na mata ou pescar, escolhia uma árvore bem alta. Essa árvore era amarra com embira (casca) para representar cada dia.

Quando ele completava um dia de dormida, começava a fazer a contagem. Ele amarrava na árvore uma embira, representando um dia. Para representar dois dias de dormida, eles amarravam outra embira e para três dias eles amarravam outra embira. Assim sabiam quantos dias levavam até sua chegada que representava cinco dias de caçada. E assim os continuamente contavam.

Outro tipo de contagem usado no passado para saber quantos animais tinham sido abatido ocorria da seguinte forma: para cada porção morto colocavam-se um pauzinho na estrada. Era dessa forma que os nossos antigos contavam. Se colocassem cinco pauzinhos significava que os caçadores já tinham matado cinco porções no mesmo dia

Porém, atualmente, não usamos a contagem tradicional, hoje temos calendário dos brancos, quando as pessoas saem para caçar porção não precisam mais amarrar embiras nas árvores. Eles contam os dias de acordo com o calendário dos brancos. É assim que o pessoal conta os dias hoje.

CALENDÁRIO DO POVO TAPIRAPÉ

Ima' Awytyga Tapirapé

O povo Tapirapé não tinha numeração para saber o tempo do verão e da chuva. Entretanto nosso povo sabia se localizar no tempo através da natureza, pois nosso povo Tapirapé vivia dentro da natureza, por isso que nós sabemos quando se aproxima o tempo do verão e o tempo de chuva.

O povo Tapirapé tem calendário tradicional, eles sabem quando as estações do ano estão para chegar. O calendário do povo Tapirapé é indicado pela presença dos elementos da natureza, entre eles *Tatawaxi* (martin-pescador), *Pykapykawa* (borboleta), *xeke'iakanywa* (pau-d'arco), *xakyryna* (cigarra) e outros.

O Martin-pescador marca o tempo de rio secar. Quando o Martin-pescador sobrevoa passando no meio da aldeia o povo Tapirapé sabe que o rio está secando, é tempo de verão. Da mesma forma ocorre com a borboleta. Quando uma borboleta passava na aldeia, o povo Tapirapé sabia que o rio ou o lago iria secar, já que é tempo de verão para nós.

Árvore Pau-d'arco é outro tipo de calendário para nosso povo, ele marca a saída do tracajá para reprodução, solta ovo na praia. Por isso essa árvore quando começa a dar flor marca o verão para o povo Tapirapé. Na sabedoria o povo Tapirapé tem vários tipos de calendário através da natureza.

O tempo de chuva é anunciado para povo Tapirapé pelo canto da cigarra. Quando a cigarra começava a cantar no mato ou perto da aldeia o pessoal começava a queimar a roça que ele fez. Quando o pessoal queimava toda roça que ele fez no tempo de verão, esperava a chuva para molhar as plantas. Então o povo Tapirapé já sabia que o tempo de chuva chegaria em breve pelo canto de cigarra. Então o tempo de chuva é marcado pelo cigarra cantando em qualquer lugar. Porque a cigarra chama a chuva para dar água para ela beber. Então quando cigarra fica com sede ele canta para tomar chuva.

Eyxo, significa sete estrelas, essas marcam o tempo de férias. Quando as sete estrelas se aproximam, quer dizer que trazem muito Frio para nós. Por isso que sete estrelas marcam para o povo Tapirapé tempo de frio.

Então o povo Tapirapé tem muitos calendários, que os brancos não usam, que são muito importante para o povo Tapirapé.



Eğilim Okulu 24/02/2027

CALENDÁRIO

Gildo Okapytyga Tairapé

A comunidade Tapirapé tem vários tipos de medidas de tempo, porque antigamente nossos antepassados não tinham o calendário que hoje nós estamos acostumados a utilizar no nosso dia a dia.

A sociedade Tapirapé media o tempo através da natureza, porque o nosso povo depende sempre da natureza; por exemplo as folhas, aves, insetos e outros animais são alguns indicadores de tempo.

O martim-pescador e a borboleta representam o começo da água baixa. Quando os Martins-pescadores passam cantando em cima da aldeia já sabemos que água está baixando. Da mesma forma, acontece com a borboleta, quando é encontrada em qualquer caminho ou até mesmo quando ela aparece na aldeia, percebemos que a água começou a baixar.

O tucunaré representa o início do verão, porque no verão esse peixe aparece muito nos lagos e rios, e também é pescado muito pelos pescadores. Assim sabemos que estamos no início do verão.

O pau-d'arco (árvore) marca o início de tracajá botar os ovos e a tartaruga também. Primeiro a tracajá começa a desovar. Quando o pau-d'arco da flor nós sabemos que é tempo de tartaruga e tracajá colocar ovos na praia.

A cigarra também é um dos marcadores de tempo, porque ela marca o início da chuva. Quando a cigarra canta muito, o povo Tapirapé sabe que já é tempo de chuva, porque a cigarra chama a chuva quando canta.

A construção da casa dos homens representa sempre o início do ano, porque a construção dessa casa é feita sempre no início do ano, por isso que antes eles sabiam que ele já

estava no outro ano.

Então é assim que nós marcamos o tempo através da natureza. Tem várias formas de marcar o tempo, eu fiz alguns dos exemplos. Então é isso.

PARTE V- FESTAS E DANÇAS DOS TAPIRAPÉ

“O canto dos pássaros nós chamamos de Kaio. Há muito tempo o nosso guerreiro ancião praticava os cantos Kaio. O kaio era praticado a noite, e ainda hoje nós estamos seguindo a regra como canto e dança também juntos com os homens”.

Taropa Tapirapé

PRIMEIRA FESTA ARUANÃ

Janaina Ataxowi Tapirapé

Festa *Aruanã* só começa no mês de junho, porque para nós é uma festa muito importante, que trouxe a pintura corporal, a dança. A festa *Aruanã* também traz alegria para nossa comunidade porque todo rapaz vai dançar na Casa dos Homens, e ainda mulher também vai dançar.

A festa *Aruanã*, é uma tradição que a comunidade tem que respeitar, porque nosso povo antigamente, desde o início sempre respeitou.

Na festa *Aruanã* só canta os rapazes, é assim que minha avó conta para mim, a festa *Aruanã* quando acontece só no mês junho e a gente manda terminar só no mês de setembro. Para iniciar o trabalho de *Aruanã*, primeiramente a pessoa espera o tempo certo, em seguida começa *Aruanã* e na qual o trabalho leva vários dias para terminar.

Depois que termina, o descanso do trabalho dura no máximo uma semana, na sequência, o trabalho inicia, levando vários dias para terminar etc.

SEGUNDA FESTA ARUANÃ

Xakarewaja Tapirapé

Aruanã é uma festa tradicional do povo Tapirapé que faz somente no mês de agosto. Antes de fazer escolhemos o pessoal que vai ficar com eles. Por que nós fizemos *Aruanã* quatro diferentes que são: *Xakowi*, *Irawar*, *Karaxã* e *Iraxã*. E quem quer ficar com ele fala para todo mundo saber. Quando escolhemos todo *Aruanã* e marca dia para fazer, o dia para o dono dele buscar a folha da banana e deixar no local aonde vai fazer o capacete. Por que esse *Aruanã* faz somente no mato para que as mulheres não vejam eles enquanto ainda faz.

Em primeiro faz capacete do *Aruanã*, trançado até terminar de trançar. Temos que fazer oito capacetes do *Aruanã*, por que vai dançar em dupla. Quando terminamos de fazer os capacetes, colocamos nela pano vermelho, amarelo e azul. O pano amarelo e vermelho vai no colar *Xakowi*, *Iraware* e *Karaxã*. Pano azul, vermelho e amarelo vai no colar *Iraxã*. Depois disso tudo, ainda vai colocar nela o rabo de Arara. Além disso, vai buscar folha de buriti para fazer como roupa do *Aruanã*. Quando terminamos de fazer a roupa, cortamos para ficar tudo igual. Isso demora uma semana ou menos para fazer, porque todos os homens vão trabalhar nela.

Depois de terminar toda a roupa do *Aruanã*, retorna para a aldeia. Na aldeia todas as mulheres e crianças ficam enfeitadas e esperando *Aruanã* para dançar com eles. Quando chegamos à aldeia e já dançamos até chegar no terreiro da *Takãra*. De lá eles foram à casa do seu dono e todas as mulheres vêm dançando com ele. E todas as donas dela dança com eles.

Todos os *Aruanã* dançam e cantam em diferentes ritmos. *Xakami* dança devagar e só pode pegar na roupa dele. E *Iraware* dança mais rápido e dois pegam na sua mão. Já no *Karaxã* dançam, separaram e pegam o maracá (chocalho) na mão para dançar no ritmo do maracá. *Iraxã* também pega na

mão, mas dança diferente do que Iraware. E toda a mulher dança no ritmo do canto *Aruanã*, porque cada *Aruanã* tem canto diferente.

Na festa *Aruanã* pode dançar qualquer um, menos os meninos homens. Na dança do *Aruanã* pode comer só peixes, farinha e mingau de arroz. Quando quer dançar no dia e a noite toda, é marcado o dia para as mulheres, moçadas e criança se pintarem.

Os donos deles também vão pescar para a comida do *Aruanã*, e a dona dele também faz mingau de arroz e farinha, e levamos quando já amanhece o dia para comer. Tudo isso acontece à festa do *Aruanã*, e todo mundo dança com esse *Aruanã*.

Só quando o tempo tem chuva *Aruanã* para de dançar, e não pode mais ficar e tem que terminar a festa. E também para o povo Tapirapé, *Aruanã* marca no final do tempo.

É assim que nós do povo Tapirapé, fazemos a festa do *Aruanã*.



Xatenevusa, Lithuania
2023/01/20/2027

FESTA DE RAPAZ

Arapa'i Tapirapé

Diz que na época o nosso povo Tapirapé não tinha a festa do rapaz. Quando nosso pajé descobriu um menino que chamava *Makaxiwewe*, ele que sabia toda a festa do rapaz e a música. Diz que ele morava em morro, educava e rodava, então o pajé ficava de olho nele, para não fugir dele. Então primeiramente o *Makaxiwewe* estava cantando *Marakayja*, lá em cima do morro, aí nosso pessoal estava vendo ele. Depois o nosso antigos foi atrás para olhar direito *Makaxiwewe*.

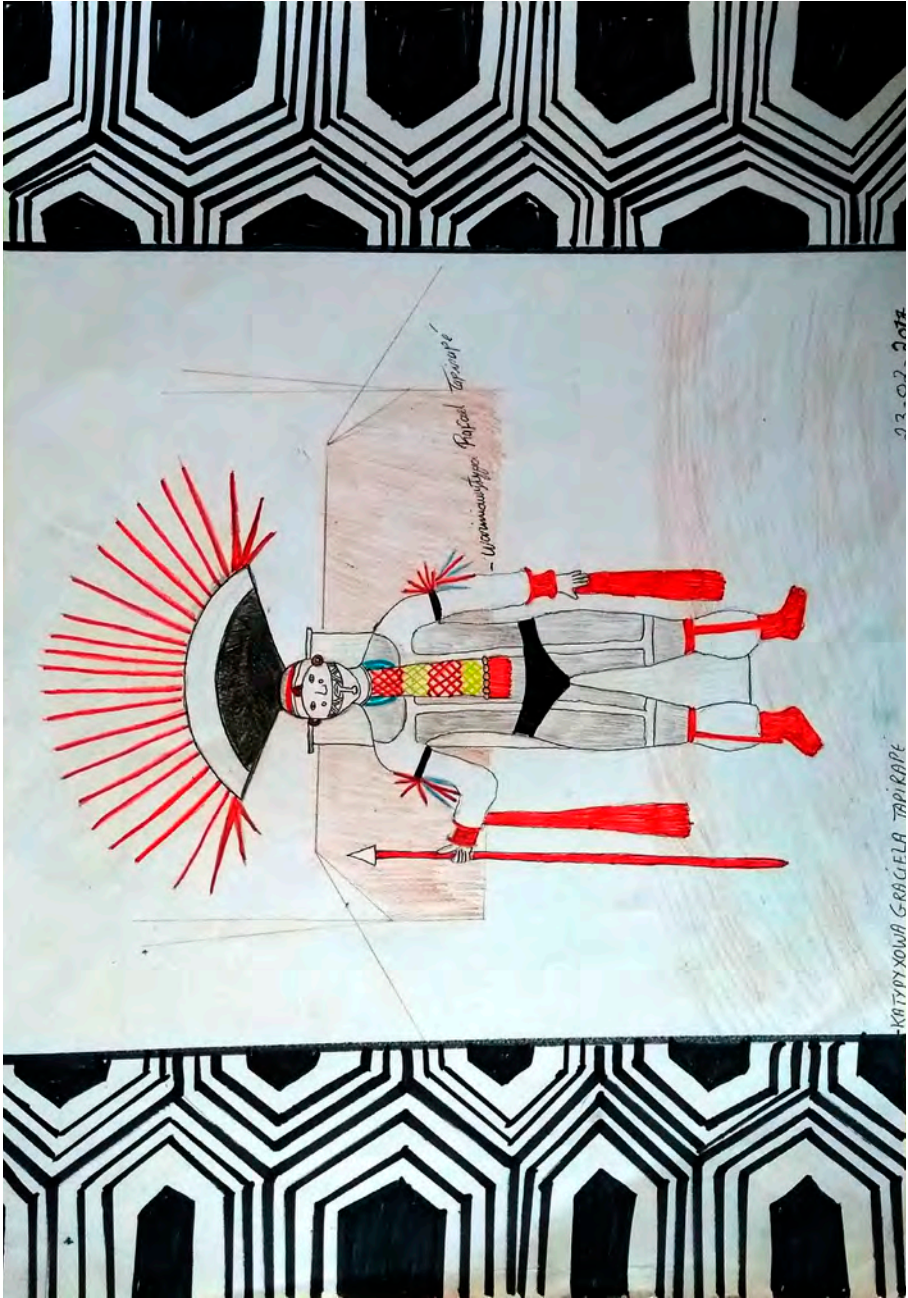
Por isso pessoal foi atrás para pegar ele, então *Makaxiwewe* se escondia embaixo da terra e depois que o nosso antigo passava, ele voltava de novo. Quando o pessoal voltava, logo *Makaxiwewe* saía da terra, e ficava cantando *Marakayja*. Depois o pessoal queria matar *Makaxiwewe*. Quando o pessoal queria mata *Makaxiwewe* ele falou para o pessoal: não mim mata! E o pessoal estava criando *Makaxiwewe*, até que os viu rapazes e o material dos rapazes que ia usar para fazer a festa. O material que ele mandou fazer são *inimãxigoo*, *maysa*, *manaja*, *xywapyo*, *tamakora*.

Depois ela pintou *Makaxiwewe* com jenipapo. *Makaxiwewe* foi na *Takāra* e ficou sentado lá, esperando o material dele. Depois um homem levou o material do *Makaxiwewe* com peneira, e ele ficou sentado no banco. Depois o homem estava amarrando o cabelo do *Makaxiwewe*, também estava enfeitando com penugem, *Makaxiwewe* estava comendo mingau. Depois colocaram cocar preso no cabelo dele e depois ele saiu e ficava cantando na frente da *Takāra*. Atrás dele também estavam dançando uma velhinha, quando *Makaxiwewe* estava suando a velhinha estava comendo a gordura.

Quando *Makaxiwewe* terminou de cantar todo *Marakayja*, ele estava voando com a velhinha no meio da

aldeia. Depois *Makaxiwewe* pegou a velhinha e voou junto com ela e *Makaxiwewe* passou voando com a velhinha no meio da aldeia.

Depois *Makaxiwewe* foi embora sozinho, mas o pessoal foi atrás dele de novo. E eles encontraram, quando já estava perto do buraco do pau, e por isso ele entrou para se esconder do pessoal que estava preocupado, a velhinha ficou caída no chão, mas o pessoal não chorou, e depois eles voltaram para aldeia.



FESTA DO RAPAZ

Katypyxowa Graciela Tapirapé

Para acontecer à festa do rapaz, primeiramente a mãe e o pai dele falam para seu filho deixar crescer o cabelo. O rapaz deixa crescer o cabelo três anos. Além disso, para furar a orelha e lábio dele também. A orelha é furada com osso de caititu e Porcão do mato. Aquele osso dele fica bem duro, bem fino, e fura sem anestesia.

E durante este mesmo tempo a mãe e o pai dele preparam os materiais que vai ser utilizado na festa dele. Por exemplo, rabo de arara vermelha, rabo de cavalo que colocamos no pescoço e na perna dele, e paapy que coloca no braço dele e outros.

A festa do rapaz acontece somente no mês de maio, com tempo de verão. Quando marca o dia para a dança do rapaz, a mãe pinta todo corpo dele com jenipapo. Depois, de manhã, o rapaz banha cedinho.

Antes de ir à Casa dos Homens e a mãe do rapaz cozinha para ele se alimentar. Porque quando ele vai para a Casa dos homens, ele não vai se alimentar de carne, peixe e outros, porque vai ficar de resguardo o dia todo e a noite inteira.

Os anciões amarram o cabelo do rapaz com linha preta e também coloca cocar na cabeça dele. No lábio colocam um pedaço de pedra, que é um pouquinho mais grosso para colocar no lábio do rapaz.

Na festa do rapaz só homem que caça e ficam rodando no terreiro da Casa dos Homens. Durante um dia o rapaz só consome o mingau de arroz. Um dia inteiro o rapaz fica dançando e a noite continua dançando com outra dança.

A noite dança e canta junto com as mulheres. Mas o rapaz continua dançando a noite inteira até amanhecer o dia.

O rapaz que dança a noite, se alimenta com farinha de milho com pimenta somente e nada mais.

Assim nós dançamos a festa do rapaz. O rapaz que está dançando utiliza somente material tradicional. Mas atualmente o povo Tapirapé mudou um pouco a forma para furar a orelha e o lábio, porque atualmente também utiliza anestesia e agulha para furar a orelha e o lábio

Assim nós estamos atualmente! Porque antes o povo Tapirapé não tinha material de não índio.

E os anciões estão precisando agora de mais jovens, porque atualmente os jovens não fazem mais roça para plantar alimentos para usar na festa deles. O rapaz precisa de milho para fazer a farinha mole para ele se alimentar na festa.

Porque nas nossas festas tradicionalmente, nós sempre dependemos da alimentação da roça.

Através dessa festa tradicionalmente, nós como jovens aprendemos dançar e cantar. Por isso fazemos à festa do rapaz, e é importante participar quando anoitece. Assim vamos valorizando a nossa cultura e costume.

CARA GRANDE

Marewa Tapirapé

Cara grande é uma festa onde só homens podem vestir roupa feita de folha de buriti para dançar no terreiro da *Takāra*, que é o nome da Casa do Homens, e eles podem dançar com o Cara Grande. Seis Cara Grande se misturam no terreiro da *Takāra*, e só dois Cara Grande pode dançar no terreiro da casa do dono dele ou dona dela.

Material do cara grande: roupa, buriti, na cara dele é madeira de babaçu, rabo de papagaio e pena de papagaio, brinco, calça e outro mais. O dono dele ou dona dela pode pintar quando ele se mostra para dançar. Quando chega para dançar na casa do dono dele, ele fica parado e o dono dela tem que ficar muitos anos até ficar velha. Ela reza para aturar mais tempo e ficar saudável para não morrer o dono ou dona dele.

Quando a comunidade vai caçar, eles se organizam para matar o porcão. *Wyraxiga*, *Draxa* vai ser separado para caçar, porque os grupos são diferentes *Wyraxiga* e *Draxa*, para não misturar os grupos deles.

Porque grupo dele mata porcão para eles, por isso ele não pode caçar junto com ele. Quando os homens matam muito porcão, traz porcão para dono dele assar.

Seis homens vão dormir na caçada para matar muito porcão para o dono do cara grande. Para sair na festa do Cara Grande, precisa de muita alimentação, por exemplo: porcão assado, pirão de porcão, cauim, banana e farinha, são alimentos do Cara Grande.

Seis donos do Cara Grande faz a comida para festa, para comer os alimentos durante a festa.

Quando acontece a festa de Cara Grande toda comunidade participa para não acontecer coisa ruim com as pessoas. Assim acontece festa do Cara Grande no mês de julho.

FESTA DE CARA-GRANDE

Jamilson Maropawygi Tapirapé

A festa do Cara Grande é a festa principal do povo Tapirapé. Para fazer a festa o povo se organiza, primeiro caça animais como o porcão, porque o porcão alimenta principalmente o Cara Grande.

O povo Tapirapé caça o porcão em uma semana. Quando já tem o suficiente para o Cara Grande, todos que foram para a caça, voltam para sua aldeia.

Quando o Cara Grande sai, o povo Tapirapé se pinta com jenipapo, com pinturas diferentes para menino, menina, moça, rapaz e os mais velhos e mais velhas também tem pinturas diferentes.

Quando o Cara Grande sai ele vai na casa do dono dele, cantando e dançando. E depois rodeia a aldeia, enquanto o outro grupo de pessoas vem atrás cantando e dançando também. Outro grupo de pessoas fica se escondendo em casa e quando o Cara Grande passa, eles saem atrás dançando. E assim vai até no centro da aldeia onde fica a Casa dos Homens.

E o Cara Grande entra nessa casa, enquanto outro grupo fica lá no centro cantando e dançando. Então assim que acontece a festa do Cara Grande no mês de junho, e só os homens podem dançar.

FESTA DO MACACO

Katypyxowa Graciela Tapirapé

A festa do macaco vem de animais. O conhecimento dos anciões Tapirapé sabe como fazer a festa do macaco. Através da natureza, veio conhecimento do pajé que se comunicava com o espírito da natureza. Depois o pajé passava para o povo dele. Assim que o povo Tapirapé ficou sabendo da festa do macaco, porque o pajé estava sabendo sobre a dança do macaco.

Para dançar a festa do macaco os homens se juntam todos na Casa dos Homens, para se prepararem para dançar. Todos os homens se cobrem com redes tradicionais, se pintam com barro branco e ao mesmo tempo colocam a folha de palmito como rabo. A festa do macaco acontece quando a festa tradicional acontece também. Mas para dançar a festa de macaco ele dança somente a tarde. Primeiramente o capitão vai dançando na frente dele, e o resto só acompanha dançando junto com ele. São muitos macacos, e ele dança para ir onde a mulher do capitão fez o mingau de milho para ele beber.

Quando ele chega no terreiro da casa onde o mingau está ficando pronto para ele, uma moça vai pegar o mingau dentro da casa, para levar para os macacos beberem, e depois que terminam, eles vão até onde as mulheres se ajuntam para bater nele. Primeiro vai o capitão macaco se oferecendo para bater.

Ele pede para bater no ombro dele, para as mulheres bater. Quando a moça que bate nele, a mulher tem que se sentar com joelho para pegar no cabelo do macaco, e para bater a mulher tem que bater no ombro do macaco para não ficar voltando para as mulheres.

Se alguma pessoa bate errado o macaco briga com ela. Por isso as mulheres têm que ficar se cuidando deles. Então assim o povo Tapirapé ficou sabendo sobre a dança do macaco através de animais. Através dessa história nós aprendemos a festa de macaco tradicional que é o pajé que traz para nós como fazer a festa.



FESTA DO MACACO

Taparawoo'i Kislene Tapirapé

A festa do macaco é uma festa tradicional do povo Tapirapé, que ocorre todos os anos no mês de Julho, depois que acontece a festa de Cara Grande. Primeiro o capitão do macaco canta, depois de 4 horas da tarde os macacos, os homens e crianças do sexo masculino se preparam para ir na casa do *Wyraxiga* (um clã) onde eles dão de beber mingau de milho.

As mulheres também se preparam para bater os macacos no ombro, aquele macaco que apanhou vai cair no chão e vai gritar muito, se as mulheres não baterem forte, os macacos vão pegar as mulheres e abraçar forte.

Por isso as mulheres têm que ficar atentas a eles. Porque a festa do macaco, todos os homens usam a rede no corpo, para as mulheres não verem quem são as pessoas, usam também folha de buriti como rabo, e todos os homens ficam imitando o canto dos macacos,

Depois de macaco ir para lado do *Wyraxiga*, eles voltam para ir na outra casa que é ao lado do Araxa, outro clã. As mulheres batem novamente no macaco. Assim é realizado a festa do macaco na aldeia Apyãwa.

FESTA DA EMA

Marexapytyga Tapirapé

Quando começa a festa da ema, a menina vai separar na casa de alguém como *Wyraxiga* e *Araxa*. Então a mulherada divide em dois grupos. E o homem também vai separar. Os dois grupos como *Wyraxiga* e *Araxa*.

E a mulherada do *Wyraxiga* vai esperando a Ema na casa de *Wyraxiga*. A mulherada do *Araxa* fica esperando a Ema na casa de *Araxa*. As duas são separadas do grupo. Por isso a Ema vai correr separada, uma vai atrás da mulherada do *Wyraxiga*, e outra vai atrás da mulherada do *Araxa* assim, a festa da Ema é dividida em dois grupos.

A festa da Ema vai começar cedinho as 8:00h e a tarde vai começar às 14:00h. Na festa vai participar o rapaz e menino, a moça também vai participar e a crianças.

Os homens ficam na Casa dos homens, e de lá vai sair o rapaz para vestir o *barite*, e a Ema vai correr muito, e a mulherada vai correr atrás dela para pegar. Elas não desistem, enquanto não pega a Ema!

Quando a mulherada vai pegar a Ema, ela leva na casa para tomar mingau de arroz (cauim), a mulher tem que dar cauim pra ela tomar, depois a Ema tem que voltar para a Casa dos homens. E o rapaz tem que se trancar, e voltar outro rapaz atrás da mulherada do *Wyraxiga*, e outro rapaz volta para *Araxa*. E a mulherada vai correr muito e não desistir. Assim e a festa da Ema!



FESTA DA EMA

Evandro Ikaraxo Tapirapé

A festa da Ema é sempre realizada no mês de junho, a partir desse mês a comunidade se reúne no terreiro da *Takāra* (Casa dos Homens), para decidir que dia vai poder realizar essa festa.

E no dia seguinte os homens se pintam para poder buscar essa festa da Ema, mas essa *Aruanā* não é feita na *Takāra*, são feitos alguns quilômetros de distância da aldeia. Pois antes da festa da Ema primeiro acontece *Xiwewexiwe* que também é uma festa, depois desse *Xiwewexiwe* quando começa a escurecer, os rapazes levam essa roupa de *Xiwewexiwe* no mato, para esconder.

De manhã cedinho os rapazes voltam novamente para vestir, porque bem cedo a moçada dá bebida para Ema, antes de correr. Quando a Ema termina de beber a bebida, a moçada e as crianças se preparam para correr atrás dessa Ema. Os rapazes também se preparam, mas só que *Wyraxiga* (pássaro branco), e outro que é *Araxã*, por isso as moçadas também se divide em dois grupos, um que espera Ema na casa das irmãzinhas, outro grupo fica no outro lado esperando.

Então quando acabam de se preparar, o rapaz que está vestido com essa Ema começa correr no terreiro, também as moçadas que consegue pegar a Ema, ela fica parada quando vão dar bebida para ela, e assim fazemos essa festa da Ema, que é uma das nossas brincadeiras.

CANTOS DE PÁSSAROS NA ALDEIA URUBU BRANCO

Taropa Tapirapé

O canto dos pássaros nós chamamos de *Kaio*. Há muito tempo o nosso guerreiro ancião praticava os cantos *Kaio*. O *kaio* era praticado a noite, e ainda hoje nós estamos seguindo a regra como canto e dança também juntos com os homens.

O *Kaio*, canto dos pássaros começa às 8:00h da noite até as 6:00 da manhã. Os homens vão cantar a noite toda até amanhecer.

Então é assim que acontece o canto dos pássaros durante a noite toda no centro da aldeia, aonde tem a Casa dos Homens, é lá que acontece os cantos dos pássaros *Kaio*.

O ritual do canto dos pássaros sempre começa no tempo certo, no mês de janeiro e termina até no mês de junho.

Então é assim a realização do ritual do canto dos pássaros, que acontece na aldeia Tapirapé, de maneira compartilhada com a comunidade indígena Tapirapé.



Гелсо Талкофт
Триполи
23.02.2017

Катерина Кошечка
Триполи

FESTA DO PÁSSARO

Adoilson Ipaxi Awyga Tapirapé

Nesse ritual o povo participa só a noite, que nós chamamos de festa do pássaro (*Kaio*), e nessa festa todos os homens e as mulheres vão participar. A festa do pássaro sempre acontece no mês de janeiro, quando acontece a festa *Aruanã*, que é a primeira festa.

Então as 19:00 horas da noite os homens se preparam para ir cantar no terreiro da Casa dos Homens. Primeiro os homens entram na *Takãra*, porque lá que vai cantar primeiro, porém lá dentro os homens cantam duas músicas, e depois que terminar o canto das músicas, ele vão sair da Casa dos Homens para o terreiro.

Nesse terreiro, os homens vão se separar, vai fazer dois grupos, que é *Wyraxiga* e *Araxã*. O lado que separar é o grupo do *Araxã*, e outro lado que vai ficar é o grupo do *Wyraxiga*, é assim que funciona e se organiza os dois grupos.

Nessa parte também os homens cantam o *Kaio*, de outra forma, porque tem jeito certo de cantar *Kaio* as 19:00 horas. Esse *Kaio* pode cantar bem cedinho e outro canto de *Kaio* pode cantar de madrugada, e quando o sol nasce os homens param de cantar.

Nesse *Kaio* é muito importante, porque as mulheres que participam a noite juntam com os homens no terreiro do *Takãra*, então assim que acontece a festa do *Kaio*



ADDU: SOU 198X/1981GA
03-08-2017

DANÇA DAS MULHERES

Myryxiwygi Tapirapé

Dança das mulheres é assim: tem vários tipos de danças das mulheres, quando as festas acontecem na aldeia. A primeira festa é do *Aruaná*, aí as mulheres dançam, só mulheres dançam lá. Depois tem outra festa, também se chama *marakão*. No *marakão* mulheres dançam com homens.

E no *marakão* os homens pagam para mulheres quando ela dança com homens. Cada homem tem que pagar para mulher, e como forma de pagamento paga com porcão, tartaruga, peixe e plantas. É assim a dança das mulheres.

DANÇA DAS MULHERES

Marexapytyga Tapirapé

Quando a festa do *Iraxao* começa, as mulheres vão participar com ele. Dançam as mulheres e as crianças. Sempre vão participar da festa do *Iraxao* só as mulheres. , os homens vão participar os dois que vai dançar.

E vai participar também da festa do papagaio (*Kaio*), nessa dança as mulheres vão participar a noite inteira. A festa do papagaio é muito importante para nós. As mulheres cantam junto com os homens, e tem que dançar junto com ele.

A mulherada também participa da festa do *Kawrypyparakawa*. E o homem vai cantar para as mulheres. E a mulherada também tem que cantar, a mulherada vai dançar e cantar. O homem vai cantar dentro da casa e as mulheres vão dançar no terreno da casa, vai dançar só com as solteiras. Essa dança vai ser só a noite para dançar a moçada. E vai continuar dançando no terreno da *Takãra*, dançando o *Kaio* e cantando muito.

A mulherada vai participar também da dança do *Aruanã*, na dança do *Aruanã* todos os homens e mulheres vão participar. As crianças também vão participar. Esse dono da *Aruanã* só tem uma, o dono da *Aruanã* tem que fazer mingau de arroz (*Kawi*) para as mulheres e os homens, e tem que pegar peixe para ele comer na casa do homem, e as mulheres vão comer na casa dela. Ela são responsáveis pela comida.

DANÇA DOS HOMENS

Xawarakymaxowoo Tapirapé

Para o povo Apyãwa, há muito tempo atrás, existia a dança dos homens. Porque a dança dos homens é muito importante para nós que somos jovens.

Os homens têm diferentes tipos de dança. Quando nós dançamos em *Maraka'yja* a dança é diferente, porque *Maraka'yja* é feita no terreiro da casa dos homens (*Takāra*) e todo homem participa dessa dança.

Já na dança do *Aruanã* temos outra dança, em que as participantes são as mulheradas. Na dança do *Aruanã* as mulheres pintam o corpo para dançar. Na festa do *Aruanã* os homens dançam em duplas o resto só as mulheres dançam, a dança do *Aruanã* acontece só um dia.

Depois de terminar a festa do *Aruanã*, tem outra dança que é chamada *O'yमारका* que há a participação dos homens. Aliás na dança do *O'yमारका* os homens têm que abraçar outro companheiro para começarem a dançar.

Na *O'yमारका* os homens cantam em duplas e depois os homens acompanham para cantar, por que a cultura permite dessa forma. Tem outra dança que nós chamamos de *Kao*, tem outro tipo de dança. O *Kao* só acontece no período da noite até amanhecer. No *Kao* as mulheres participam porque elas cantam com os homens.

Quando o *Kao* começa, os homens abraçam. Outro tipo de dança o *O'yमारका*, só que a diferença *O'yमारका* acontece durante o dia, desde as 10:00 horas da manhã.



Хабарскай Һиммэ Холлоо
23.10.2 | 2017

→ Тэҕэһээтэ "Кистэһэ Тарҕаһа"

DANÇA DOS HOMENS

Koraj'i Tapirapé

No nosso costume tem uma regra para dançar, como a dança dos homens, onde somente os homens participam. A dança dos homens é uma dança que acontece de dia, quer dizer, o dia inteiro no terreiro da *Takãra*, que é a casa dos homens e fica no meio da aldeia. É nessa casa que os homens se reúnem para dançar.

E nessa dança os homens dançam em ciclo formando uma fila. E a partir das 4:00 horas da tarde que as mulheres participam da dança encerrado. Nessa dança os homens pagam para a mulher que dançou com ele, os homens pagam a mulher com jabuti, tartaruga, peixe, porção e catitu, esses são os pagamentos que as mulheres recebem. Essa é a regra da dança, e atualmente as mulheres dançam e pedem dinheiro como pagamento. Nessa dança é obrigatório pagar o que a mulher pedir.

E para dançar todos se pintam com jenipapo e os homens usam urucum no pé, e missanga, porém com formato que só os homens usam.

E nessa dança tem uma pessoa que lidera que fica na frente, fica cantando a música do começo ao fim, e cada dança tem uma música.

PARTE VI- ARTE COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA

“A nossa cultura e a natureza sempre tem uma ligação muito forte. Porque tudo que precisamos tiramos dela, como por exemplo os materiais para o artesanato”.

Koraj'i Tapirapé

ARTESANATO

Koraj'i Tapirapé

A nossa cultura e a natureza sempre tem uma ligação muito forte. Porque tudo que precisamos tiramos dela, como por exemplo os materiais para o artesanato.

Para fazer o artesanato tem uma regra que respeitamos muito, tem artesanatos, que só os homens podem fazer e outros que só as mulheres. Essa regra sempre foi praticada e respeitada pelo nosso povo, como por exemplo, a cara grande é só os homens que podem fazer, a rede de dormir só as mulheres podem fazer. Respeitamos as regras para que essa riqueza seja passada de geração para geração.

Nos dias atuais, ainda praticamos o uso desse artesanato. Só que atualmente fizemos para o uso e para vender para sustentar a família.

ARTESANATO

Xakarewaja Tapirapé

O artesanato faz parte da cultura tradicional do povo Apyãwa (Tapirapé). Nós fazemos artesanato para vender e para festa tradicional como a festa do *Kaio*, *Marakayja* e outras.

No *Kaio* utilizamos borduna para dançar e cantar. No *Marakayja* empregamos no rapaz cocar, *Inimaxigoo* (enfeite), *Xywaypyo* (enfeite), *Namikwarea* (brinco) etc. Isso para dançar no *Marakayja*, e o rapaz vira homem. Tem cocar que utilizamos que antes só o pajé que usava. Arco e flecha também é para quem vai dançar com *Marakayja* e aí vai ficar com esse arco e flecha. Esses são alguns dos artesanatos que empregamos só na festa tradicional mesmo.

Também fazemos artesanato para vender. Fazemos desenhos pintados, primeiro temos que traçar e desenhar em cada folha de papel de modo diferente para depois pintar o desenho e ele parecer bem claro. Também fizemos artesanato trançado como peneiras e cestos. Fazemos arco e flecha, cocar e cara grande. Para fazer cara grande para vender, não fazemos o original. Quanto ao cocar fazemos de vários tipos. Fazemos entalhes com desenhos no pau-brasil, borduna, remo, lança, nos cascos de jabuti, tatu, piroasca, etc. Isso só os homens que faz para vender.

As mulheres também fazem artesanato como: rede, coité, maracá, colar, brinco etc, para os não indígena. E para artesanato na festa que é original são: *Tamakara*, *paapy*, *pyxoiy*, *maiyranemaja*, isso faz só com linha. *Xywaypy*, *xywaypyaramara*, *awai*, e outros que faz com pena de arara amarela e vermelha.

Dessa forma que nós do povo Tapirapé fazemos o nosso artesanato para a festa e para vender. Fazemos diferente para utilizar, e para vender e usar na festa. E também é diferente artesanato que os homens fazem e o que as mulheres fazem.

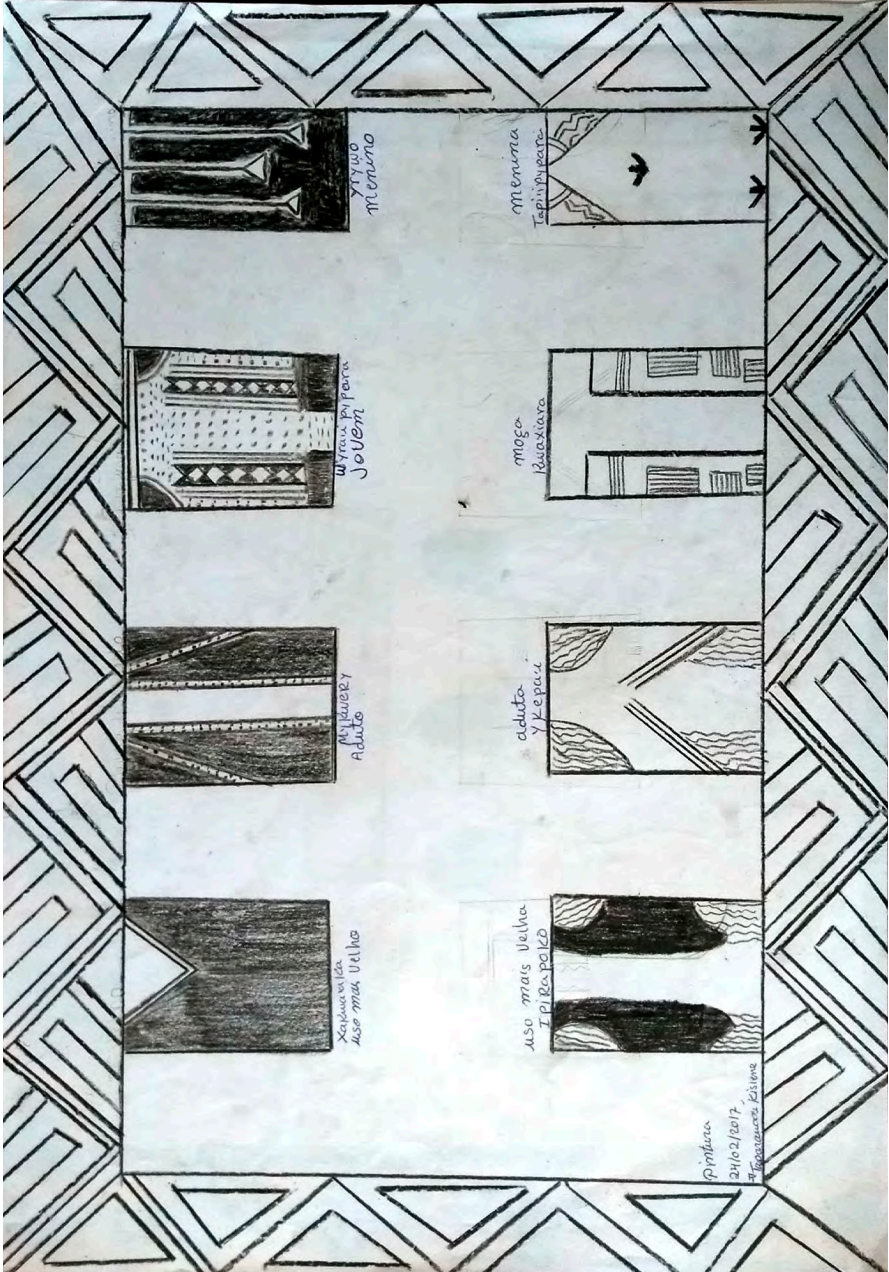
PINTURA CORPORAL

Janaina Ataxowi Tapirapé

Antigamente se fazia pintura corporal do peixe, pintura do animal, pintura da ave, pintura do sapo, pintura da onça, pintura da queixada, pintura do jacaré. Todos gostavam de pintar. Pintura corporal a gente não vai esquecer e vai ficar no futuro. A gente usa a pintura corporal em toda festa tradicional.

Tem algumas pinturas que a gente não usa no rapaz, mulher, menino e idoso. De primeiro eu não sabia sobre pinturas, a partir de hoje minha imaginação quer saber tudo sobre essa pintura corporal.

Essa pintura corporal é feita por algumas pessoas, muitos não sabem fazer a pintura corporal, geralmente as mulheres pintam. A pintura é feita diferente para menina, menino, idoso, homem, mulher, rapaz e moça.



PINTURA CORPORAL

Edilson Xywapare Tapirapé

A pintura corporal para o povo Apyãwa é a pintura que vem passando de geração para geração e nós utilizamos no dia-a-dia.

O povo Apyãwa (Tapirapé) utiliza pintura corporal de forma cultural. Utilizamos de acordo com o que é permitido na nossa cultura, por exemplo, a pintura corporal da menina só as meninas que podem usar, tem também a pintura do menino que só eles usam, do rapaz também, e há também a pintura corporal dos mais velhos que é diferente.

Essa pintura nós utilizamos na festa, também utilizamos quando a mulher ganha criança e o pai da criança pode se pintar, utilizamos a pintura quando lutamos por nossos direitos.

Antigamente o povo Apyãwa (Tapirapé) usava todas essas pinturas. Nós temos várias pinturas corporais. Hoje em dia nós perdemos algumas das pinturas corporais. Cada pintura tem um significado, por exemplo, a pintura que nós chamamos xexoo, que significa pintura do pirarucu. Os homens também sabem pintar. É isso que eu sei de pintura.

ARCO E FLECHA

Edilson Xywapare Tapirapé

Nós utilizamos arco e flecha de arcado com a permissão da cultura, porque nós como homens usamos arco e flecha. As mulheres não podem usar porque a cultura não permite que elas usem. Os meninos também podem usar para que eles fiquem treinados, quando crescerem e fiquem bons arqueiros.

Para fazer o arco e as flechas, o caçador precisa fazer bem feito, com tamanho médio para não atrapalhar, com cipó ou galho. Quando nós vamos correr atrás de um animal no mato, é preciso levar arco e flecha e evitar quebrar a ponta das flechas, as melhores são aquelas feitas de ferrão de arraia na ponta, esse é o arco e a flecha ideal para o caçador.

Arco e flecha para pescaria também é fundamental. Especificamente para pescaria, nós fazemos arco e flecha do tamanho da pessoa para que a flecha vá no fundo do rio para flechar peixe, então esse arco e flecha é próprio para pescaria.

Nós também fazemos arco e flecha para segurança da casa, para ficar preparado para qualquer coisa que venha atrás de nós, então esse arco e flecha tem a função de proteção da casa.

Nós fazemos também arco e flecha para matar tartaruga. Nesse caso, a ponta da flecha que é um pouco diferente. Nós fazemos a ponta com arame liso para que a flecha penetre o casco da tartaruga e não saia fácil, por isso que é fundamental esse arame para nós.

Também fazemos arco e flecha para matar passarinhos e pombas. Esse tipo de flecha é feita com cera para que o passarinho não escape e nem se bata, mas morra logo. Esses exemplos mostram a importância do arco e flecha para nossa cultura. Essa é a história de arco e flecha que eu sei.

PARTE VII - ASPECTOS CULTURAIS DO POVO TAPIRAPÉ

“Antigamente esses costumes eram valorizados pelas juventudes. Cada pessoa usava este corte de cabelo naquela época. Porque esse corte agente usava como a nossa identidade própria. Pelo jeito do corte de cabelo a pessoa já sabia que era da etnia Tapirapé – por causa dos cortes tracionais do cabelo”.

Lademir Maeyma Tapirapé

CORTE DE CABELO

Adoilson Ipaxi Awyga Tapirape

Neste texto vou escrever um pouco sobre corte de cabelo, como era antes o corte de cabelo Apyãwa, também vou falar sobre como mudou hoje em dia.

Antes nossos ancestrais não cortavam seu cabelo de qualquer jeito, porque não tinha objetos como tesoura para cortar o cabelo. O que tinha era dente de piranha, dente de caranha e dente de matrinxã.

Porém, os nossos ancestrais ficavam com cabelo comprido. Só algumas pessoas que cortavam seu cabelo, a maioria dos jovens que ficava com cabelo comprido. Na nossa cultura, a rapaziada tinha que deixar seu cabelo crescer até ficar comprido, porque quando o cabelo do rapaz ficava comprido acontecia a festa dele, que se chama festa do rapaz. Só depois da festa rapaz podia cortar seu cabelo.

Em nossa cultura existe um corte de cabelo que é feito quando alguém da família falece. As famílias do falecido raspam todo o cabelo.

Hoje em dia a nossa sociedade corta o cabelo de qualquer jeito, principalmente os jovens, porque hoje em dia a nossa cultura está mudando um pouco. Hoje em dia tem muita coisa do não indígena em nosso meio, por isso os jovens não respeitam e não praticam mais o corte de cabelo tradicional como era no passado.

Hoje, só alguns rapazes que deixam seus cabelos crescer para fazer sua festa. Porém, hoje o corte de cabelo mudou muito, não utilizam mais objetos que utilizavam antes, o corte é mais praticado com máquina de corte do cabelo. Então está é a história sobre o corte de cabelo.

CORTES DE CABELO TRADICIONAIS

Lademir Maeyma Tapirapé

Antigamente, o corte de cabelos tradicional era sempre usado pelos rapazinhos de 10 e 12 anos de idade. Se construía a casa dos homens que fica sempre no meio da aldeia. Quando os grupos terminavam de construir a casa dos homens, que chamamos de *Takãra*, o rapazinho vai pra lá e dorme em uma rede que seu pai leva. Dali o rapazinho vai passar para a fase de adulto. O pai, ou avó e o tio levam jenipapo para pintar o rosto do rapazinho. No outro dia o rapazinho saía da casa dos homens todo pintado de preto.

Dois dias depois o avó ou pai corta o cabelo do rapazinho. Corta todo o cabelo que fica na parte de cima da cabeça. Hoje em dia, a gente corta o cabelo com tesoura. A pouco tempo atrás tinha uma máquina cortadeira de cabelo que nossos anciões usavam para cortar o cabelo do rapazinho.

Antigamente a gente também tinha outros estilos de cortar cabelo do rapaz. Primeira a gente deixa crescer o cabelo. Para depois ir cortar só a parte de baixo do cabelo, e deixa o cabelo que fica em cima.

Antigamente esses costumes eram valorizados pelas juventudes. Cada pessoa usava este corte de cabelo naquela época. Porque esse corte agente usava como a nossa identidade própria. Pelo jeito do corte de cabelo a pessoa já sabia que era da etnia Tapirapé - por causa dos cortes tradicionais do cabelo. Então é isso a história do corte de cabelo tradicional.

CASA DOS HOMENS

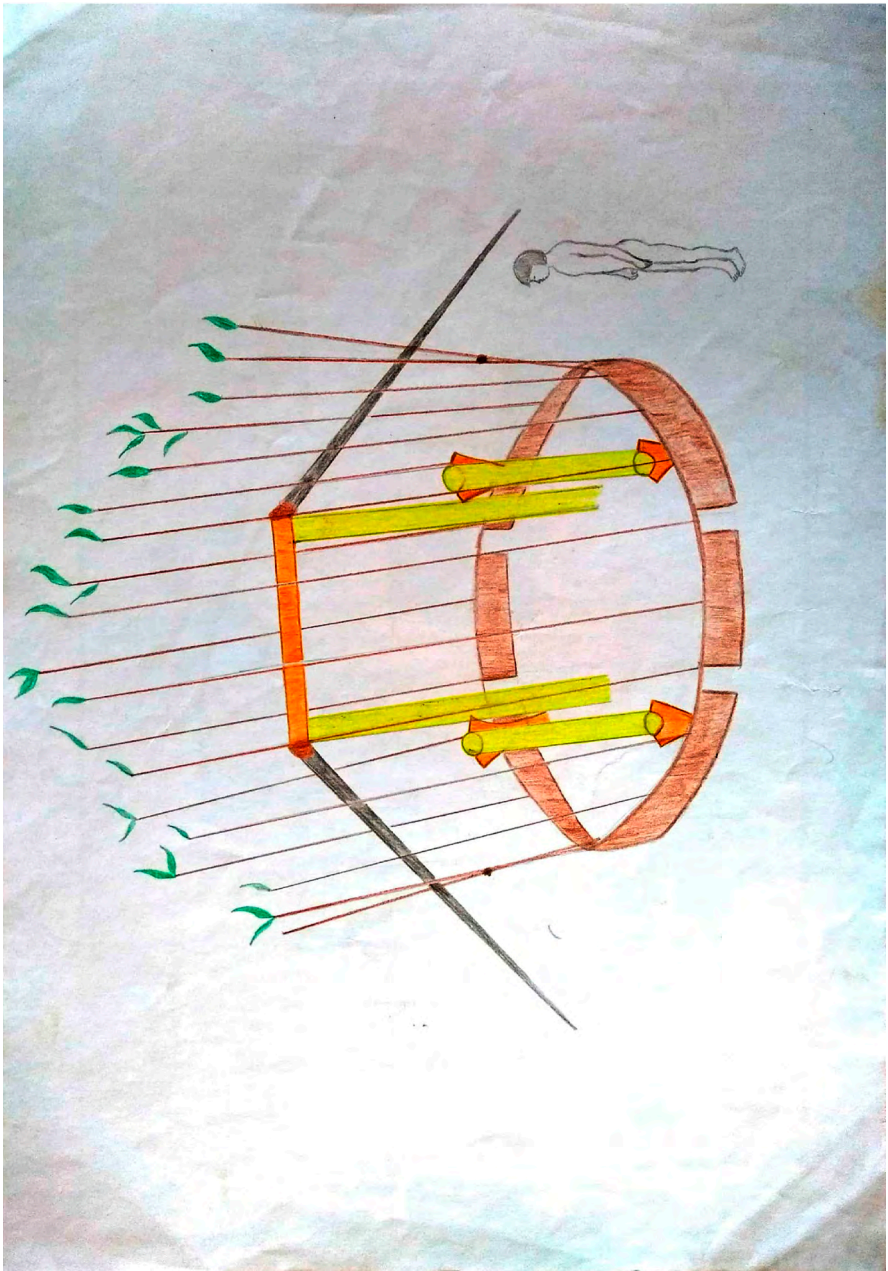
Jamilson Maropawygi Tapirapé

Há muito tempo o povo Tapirapé vem se organizando, principalmente a Takãra (casa dos homens). A aldeia do povo Tapirapé é organizada em círculo, lá no centro fica Takãra que é a casa dos homens.

A casa dos homens é muito importante para o povo, porque nela que vai aprender vários tipos de coisas como história, cantos, danças, arco e flecha entre outros.

A casa dos homens é a casa principal para os homens e para as festas, é lá que fazem as diversas festas. Na casa dos homens ficam dois grupos que se chamam Wyrexiga (pássaro branco) e Araxa (papagaio). O grupo dos Wyrexiga (pássaro branco) fica Wyrexiga que é grupo dos jovens. E no Wyrexiga fica homem maduro tudo casado. E no último grupo fica Wyrexiga homem mais velho. E também no outro lado tem grupo, que é o grupo do Araxa (papagaio). O grupo do Araxa de homem maduro que é casado. E o grupo do Waravora é mais jovem. E por último fica o grupo dos Tarawe que é mais velho.

Esses grupos que se faz vêm de geração em geração. A casa do homem é muito respeitada pelas mulheres do povo Tapirapé. Porque se uma mulher entrar nessa Takãra (a casa dos homens), ela é considerada mulher de todos os homens que fica lá. Por isso as mulheres não entram na casa que fica no centro da aldeia.



CASA DO HOMEM

Awaetekato Tapirapé

A presença do povo Apyãwa na *Takãra*, a casa dos homens, é uma condição necessária para manter poesia social. Está grande casa de forma tradicional é localizada no centro da aldeia os pés dos espíritos e convidado para cerimonia.

Na mitologia Apyãwa a *Takãra* é a casa dos porcos selvagem. Desde sua construção ou renovação ela deve ser perfumada pelo cheiro da carne do porco queimado. A *Takãra* está sujeita a regras estritas, incluindo nelas as mulheres que são proibidas de entrar.

No seu interior, os homens, ocupam o espaço de acordo com uma das duas partes a qual ele pertence. Essas duas partes são eles que dividem por idade, este sistema exige que o grupo assuma funções específicas e complementar. Essas duas partes são chamadas *Wyrã* que significa aves, essa organização mostra que os Apyãwa tiveram contato com grupo indígena de língua macro gê.

E a *Takãra* é a lei maior do mundo do povo Apyãwa, após construída é onde se autoriza a prática e toda realização do povo Apyãwa. Ali que os jovens aprende canto, artesanato, mito, aprende toda sabedoria, isso no caso dos jovens masculino. No caso feminino aprende no dia a dia, na vida cotidiana do povo Apyãwa, dentro da família, junto com mãe, com avó, assim a sabedoria se transmite de geração a geração.

Então a *Takãra*, no meu ponto de vista e uma espécie de universidade onde a gente encontra vários especialistas de canto, mito, artesanato, música, arco e flecha e borduna. A gente aprende todas essas categoria da área do conhecimento.

E dentro da *Takãra* tem subdivisão, Araxa e *Wyraxiga* e dentro dessa divisão do clã, tem subdivisão Araxa, *Warakara*, *Tarawe*, *Wyraxiga*, *Wyraxigeo*, *Wyraanvo*.

Então por aqui finalizo essa escrita sobre casa do homem.

RESGUARDO DA MOÇA

Marexapytyga Tapirapé

Quando a menina começa a menstruação, sua mãe prepara a rede para o resguardo e prepara jenipapo para pintar todo corpo. No resguardo da moça ela tem que ficar quietinha para não brincar com alguém, porque o resguardo da moça é muito perigoso para nossa cultura.

A mãe da moça prepara mingau de arroz (*Kawi*) para ela beber como água. Por que o resguardo da moça não pode tomar a água e carne de peixe e a carne de ave, e carne de animais. Só tem que tomar mingau de arroz (*kawi*).

E tem que tirar todo jenipapo no corpo durante o resguardo da moça. Por isso a mãe da resguardada banha ela as 3:00 horas da noite, para tirar o jenipapo do corpo dela.

Quando tira todo jenipapo do corpo dela, tem que fazer outra pintura pra ela usar. A pintura do *arapai*. E tem que acordar cedinho para enfeitar tudo, com *Wyraawa*, e *yyka*, paapy enfeites com urucum, depois que termina o resguardo ela volta a tomar água, comer carne de peixe, ave e animais.

Quando ela menstrua de novo, ela continua a ficar com resguardo, e não toma água, não come carne de peixe, do mesmo jeito ela vai ficar de resguardo.

RESGUARDO DA MOÇA

Arapa'i Tapirapé

O primeiro resguardo da moça pode durar por uma semana dependendo da menstruação. Na primeira menstruação da moça ela pode contar para a mãe, por que nossa regra é assim.

A moça pode ficar no resguardo da casa, porque ela não pode andar em qualquer lugar, não pode comer qualquer carne, única coisa que pode beber é *Kawi* que é um mingau feito com arroz. Carne, peixe é proibido para comer, faz mal para ela. A moça não pode tomar banho sozinha, somente acompanhada pela mãe para dar banho nela, ela pode tomar banho bem cedo, a partir das 3 horas da madrugada, para tirar mais rápido a tinta do jenipapo do seu corpo.

Ela não pode tomar água para não ficar barriguda. Quando a moça termina de menstruar ela se pinta novamente e a mãe dela a enfeita. Então a moça usa vários materiais principalmente urucum, *tamakora*, paapy, *tamakoramapira* e outras mais, depois de enfeitar toda a moça sai da casa para andar e fazer outro serviço.

Então ela pode voltar a comer a comida que não era permitida para ela. A moça tem que mudar o nome, porque tem nome de criança ainda, e tem nome novo que ela vai receber porque já é moça.

Por isso nós mudamos o nome quando passa para fase adulta, assim é a nossa cultura do povo Tapirapé.

RECLUSÃO DO RAPAZ

Arapa'i Tapirapé

Em nossa cultura, só o rapaz fica recluso, ou seja, quando o rapaz atinge uma certa idade é preciso ficar isolado. Nesse período, que se estende por dois anos, ele pode deixar crescer o cabelo como é o costume desde nossos antepassados.

A reclusão do rapaz é uma maneira de nós valorizamos nossos costumes, para não perder nossa identidade. Para que nossos filhos e nossos netos conheçam e preservem nossa cultura é preciso então continuar fazendo a reclusão do rapaz. Após esse período, se alguma pessoa da comunidade não está adoecendo, ele logo pode fazer a festa para passar para a fase adulta, isso quando o rapaz começa a deixar crescer o cabelo.

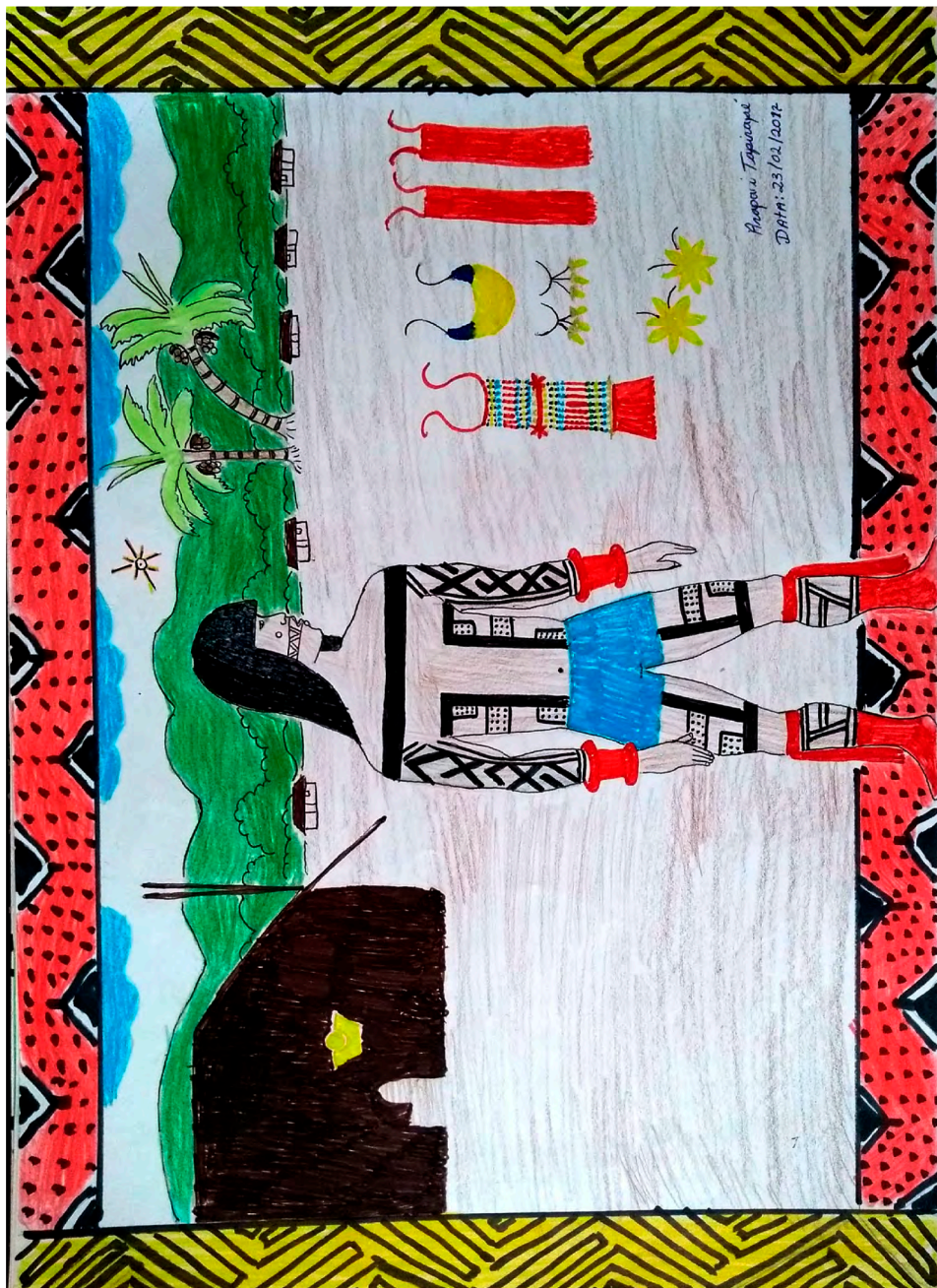
Durante a reclusão, ele não pode comer qualquer alimento. Existem alguns alimentos que são proibidos para ele, principalmente a farinha e o polvilho. Assim, cumprindo as regras não ocorrerá com ele algum problema, como as cólicas e muita caspa como ocorrem com aqueles que desrespeitam as regras.

Ele não pode comer farinha de milho com pimenta para não caírem os dentes. Então, o rapaz que está recluso não pode comer qualquer tipo de peixe, principalmente a piranha, a cachorra e a traíra. Também existem aves que ele não pode comer, por exemplo, o frango, o jacu e o mutum. Nesse período não é permitido cortar o cabelo daquele que fica recluso.

Para evitar hemorroidas, para ser saudável e para não cair o cabelo, aquele que está recluso não pode comer mamífero como a cutia, a paca e o veado do campo. Desde criança não se pode comer aves, só pode comer peixe e carne, porque é o costume do nosso povo Apyãwa.

Por isso nós temos que praticar os nossos costumes, dentre eles o da reclusão do rapaz, para não perder nossa identidade. Preocupa o fato de atualmente quase não estar

praticando a reclusão do rapaz, devido os rapazes se negarem a fazer como antigamente, pois não querem mais fazer o cabelo crescer. Mesmo assim é importante essa prática, pois os costumes precisam ficar fortes realizando assim nossa cultura.



PESCA COM TIMBÓ

Jefferson Tapirapé

A pescaria com timbó é uma atividade da cultura do nosso povo Tapirapé. Ela é muito importante para nós, porque na pescaria com timbó, além de possibilitar capturar os peixes, existem várias regras e formas de participação na pesca, ou seja, a participação não acontece diretamente sem conhecer a cultura.

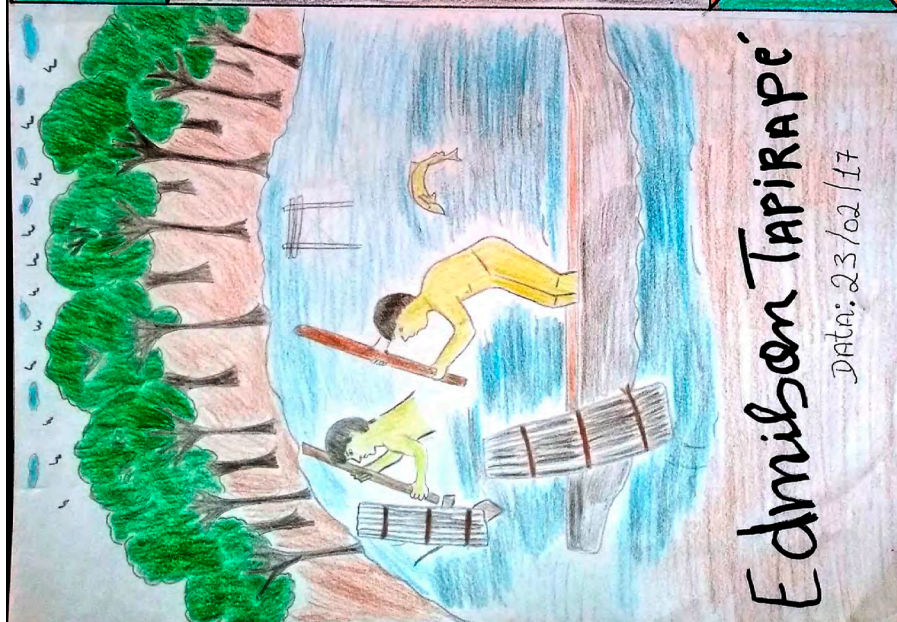
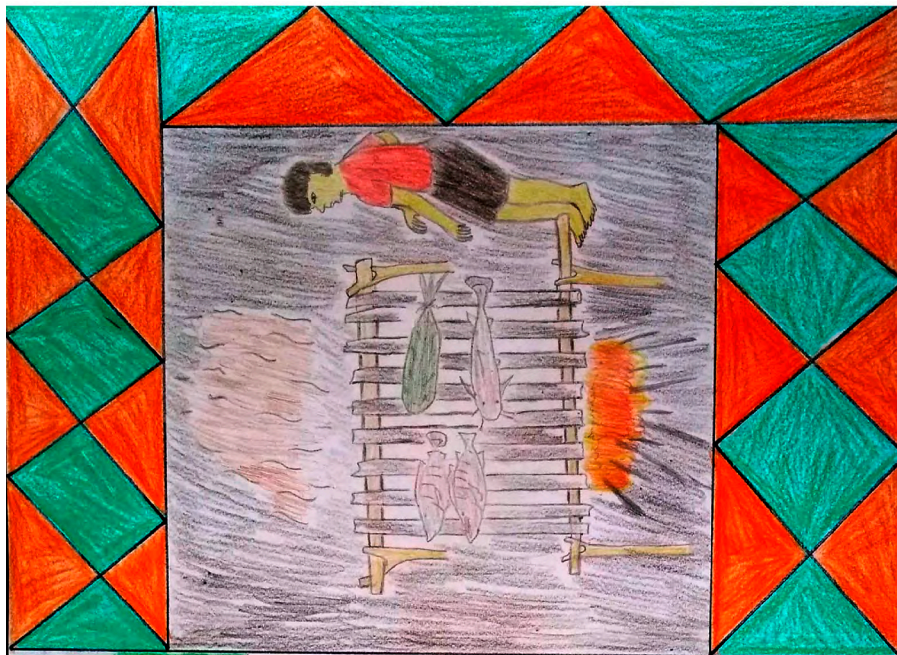
Podemos dizer algumas coisas de como acontece isso. A pescaria se manifesta com o chefe da pescaria com timbó. Ele que convida o seu povo para participar e acontece uma conversa no terreiro da casa do homem. Naquele local, o chefe pede para cada homem cortar o cipó na mata para a pesca. Também nós não podemos escolher o lago de qualquer jeito, pois é um trabalho coletivo e assim nós escolhemos um local para bater o cipó onde tem muito peixe.

Então, o chefe fala para seu povo se preparar com materiais que serão utilizados na pescaria: o alimento, a flecha, a farinha e outros. Depois que terminar esse momento da preparação dos materiais que nós vamos usar na pescaria, o chefe leva todos os homens para tirar cipó e o levamos no lago. Depois todo o pessoal leva seu material para beira do lago. Preparamos o local onde vamos acampar, e o pessoal prepara o jirau para preparar o peixe. O chefe dá outro aviso para seu pessoal sobre a participação, para que as pessoas cumpram todas as regras da pescaria com timbó, entre elas a que determina que não aconteça ato sexual e nem a participação de mulheres no período de menstruação.

Caso isso acontecer, o peixe pode não ser capturado devido não ficar tonto com o veneno do cipó, porque o lago também tem doo. Por esse motivo, é importante cumprir todas as regras da pescaria com timbó. Através da pesca com o cipó o peixe fica tonto e morre e nós flechamos muito, e

nosso povo coloca os peixes no fogo para assar, depois comem peixe com farinha.

Quando nós começamos a bater o cipó, logo nós cantamos para poder matar o peixe mais rápido. Por isso é muito importante conhecer e manter a pescaria com timbó, para que os mais jovens também a façam e continuem com essa cultura.



PESCA COM TÍMBO

Awarawyga Edimilson Tapirapé

Para iniciar a pesca coletiva é preciso reunir todas as pessoas da aldeia e comunidade para entrar em acordo. O cacique marca um outro dia para que as pessoas da comunidade possam procurar um lago que possui bastante peixe. Assim que encontram o lago, o cacique reúne novamente o povo para preparar arco e flecha, e farinha.

Quando preparados todos esses materiais, a comunidade fala novamente com cacique. Marca um dia para cortar o cipó que tem veneno e isso ocorre bem cedo do dia, o cacique vai junto pegar cipó. Todas as pessoas da aldeia se juntam na casa dos homens, de lá saem para a mata procurar cipó venenoso e voltam sempre juntos para a aldeia.

No dia seguinte, a comunidade leva o cipó coletado para a beira do lago, além de levar farinha e rede. Quando chega no lugar escolhido, todas as pessoas limpam seu lugar de acampamento, arrumam suas barracas e dormem na beira do lago. No outro dia, cedinho se acordam e se preparam para começar bater o timbó no lago.

Todos os homens da aldeia têm direito de bater o cipó no lago. Quando terminam de bater, todo mundo sai do lago e água do lago fica quietinha e os homens ficam esperando, na beira do lago, os peixes subirem para a superfície. Em poucos minutos os peixes ficam tontos e é nesse momento que os homens aproveitam para matar os peixes. Após capturados os peixes, é preparado o fogo, e o povo fica o dia inteiro assando os peixes no jirau.

No outro dia o povo Tapirapé volta para sua aldeia. Cada família traz seu peixe assado. Assim, o povo Tapirapé faz pesca com timbó na aldeia.

O PAJÉ

Evandro Ikaraxo Tapirapé

Antigamente o povo Apyãwa sempre teve o pajé entre eles para curar as doenças e dos espíritos maus que outros pajés faziam para as pessoas. É importante ressaltar que o pajé nem sempre era o curador, pois havia alguns que faziam feitiços, outros curavam as pessoas que adoeciam. Quando algum parente ou membro da família morria, os parentes ficavam com raiva do pajé e por causa disso muitas vezes até matavam os pajés. Muitas pessoas não tinham nem dó dessas pessoas, outras ficavam no lado desses pajés.

Assim, teve períodos em que matavam todos os nossos pajés. Antigamente também teve uma época que o pajé era muito forte, fazia coisa boa para nosso povo, como trazer a caça para perto da aldeia, e quando fazia a festa todos os bichos que encontravam nos sonhos ele mandava embora para outro lugar para não atacar a aldeia. Esses são exemplos de coisas boas que os pajés faziam no tempo passado.

Atualmente o povo Apyãwa ainda tem o pajé, só que não é do mesmo pajé que tínhamos no passado. O pajé que temos hoje é de outra etnia, como dos Karajá e dos Kamayurá. Também a pessoa vira pajé não porque preferiu ser como pajé, mas porque foi escolhido. Porém temos que ter cuidado porque ao invés de tratar as pessoas, tem pajés que nos mandam fumar, ou seja, aquela pessoa que era para nos curar está nos adoecendo, porque só assim ele vai sobreviver.

Assim é a situação no momento, temos um pajé, mas não do nosso pajé tradicional.

O PAJÉ

Wyratari Tapirapé

Os nossos antepassados já tinham proibido pajé tradicional, mas o povo Apyãwa sempre respeitou o pajé. Esse respeito é porque o pajé é quem ainda vai cuidar da aldeia, o pajé é quem trouxe as coisas para seu povo.

Os pajés eram quem tratavam das pessoas quando elas estavam doentes. Quando uma pessoa está doente, a mãe dela leva para o pajé curar. Quando o pajé está sonhando, ele vê gente e vê a aldeia também.

O pajé que tratava bem o povo, o povo ficava junto com pajé, se o pajé não tratava bem, o povo não queria ficar com ele.

O pajé quer ser um bom curador, ele vai ficar com o povo dele, pois irão confiar nele. O pajé do povo Apyãwa é muito corajoso, por isso que cura muitos pacientes.

Mas quando um pajé curava um paciente, o paciente tinha que pagar o pajé, seja com machado, facão, arara, rede e cachorro que sabe caçar caititu e queixada. Foi assim que nossos antepassados pagavam o pajé.

O pajé tem sonhos reveladores e pode ver feiticeiros. O pajé sabe a doença que o paciente teve, por isso que o pajé consegue curar.

No tempo de antigamente não tinham muitos feiticeiros. Por isso que foram poucos os pacientes que o pajé precisou curar. Foi assim que o pajé tradicional trabalhava com o Apyãwa.

Hoje não temos mais o pajé tradicional do próprio povo Apyãwa. Hoje só tem o pajé do Kamayurá, porque nossos pajés morreram todos, é por isso que só tem pajé dos Kamayurás. Hoje o paciente paga o pajé com dinheiro, roupas e outros pertences. Hoje também existem muitos feitiços. Então, por isso que hoje seria tão importante o pajé.

PAJÉ

Adoilson Ipaxi Awyga Tapirape

‘Em tempos anteriores, os nossos ancestrais se preparam para fazer o que usar na festa de pajé, porque tem diferença no capacete do pajé, o qual não pode ser usado por qualquer pessoa, porque tem o espírito que manda nesse capacete do pajé. Antes o pajé fumava bastante até ficar desmaiado. Antes de fumar seu cachimbo, o pajé falava para o povo entrar em suas casas e para não sair. Assim, quando ele ia fumar o cachimbo nenhuma pessoa podia sair para fora de casa, porque o pajé leva os espíritos para o canto e ficava rodando na aldeia. Era assim que procedia o pajé do nosso povo.

Quando a pessoa fica adoecendo, a família do paciente pode falar para o pajé curar o que ficou doente. Para isso é preciso levar o pagamento para o pajé. Antigamente nossos antepassados pagavam para o pajé um porcão ou jabuti. Esses eram antes os pagamentos do pajé, porque o pajé sofria com essa forma para curar, por isso tinha o direito de receber o pagamento rapidamente. Assim os espíritos do pajé ficam alegres e curam rápido o paciente.

O hoje em dia o pajé age diferente. As pessoas estão fumando com o pajé, dessa forma estão realizando outra função de pajé. Estamos atualmente com pajés muito diferentes, pois eles estão curando o paciente com a mão. Também hoje em dia o nosso pajé é pago com dinheiro ou com coisas da cidade. Esse pajé também é muito duro.

Por isso o nosso povo sempre paga com dinheiro porque esse pajé sempre terá feitiço. Como a nossa aldeia e o nosso povo Apyãwa sempre se reúne para pagar bem o pajé, que fica sofrendo com os pacientes, o pajé curador sempre ficava na nossa aldeia para não acontecer nada de mal para as pessoas como feitiço. Então é assim que nosso pajé trabalhava com nossos espíritos.



PARTE VIII- VALORIZANDO OS ENSINAMENTOS TRADICIONAIS

“Os nossos antepassados não usavam remédios dos
brancos, mas somente remédios tradicionais”.

Marewa Tapirapé

REMÉDIOS TRADICINAIS

Marewa Tapirapé

O nosso povo Tapirapé usa muitos remédios tradicionais. Um deles é a *tawaririywa*, a copaíba. Esse remédio tradicional serve para diarreia e gripe. Leite de copaíba a gente usa para passar no corpo e no peito, para tratamento da febre e da gripe.

Amemeywa é uma samambaia que serve para menstruação e pode ser utilizada quando a mulher operar. *Xanemywa* é uma árvore, cujas folhas servem para curar a gripe, que quando se agravar, as folhas de *Xanemywa* podem ser cheiradas, como também podem ser passadas no corpo. *Yxywa* é uma árvore que serve para ferimento e diarreia.

Xyro é uma planta rasteira que serve para amarrar as pessoas, pássaros e animais. *Owusina* serve para cicatrizar feridas e para dor de barriga. A *Tokoryryna* é uma árvore que serve como remédio tradicional quando ingerida junto com a comida. A mãe prepara e serve para os filhos, pois sabe quando eles podem tomar remédios tradicionais.

Xoiikanyna é uma erva medicinal que serve para diarreia e dor de barriga. Então, nosso povo Tapirapé utiliza esses remédios tradicionais para curar suas doenças. Os nossos antepassados não usavam remédios dos brancos, mas somente remédios tradicionais.



REMÉDIOS TRADICIONAIS

Jefferson Tapirapé

Os remédios tradicionais também são importantes na cura do nosso povo Tapirapé. Desde os nossos antepassados existiam esses remédios que o nosso povo conhecia através do pajé e dos mais velhos, pois eles são grandes conhecedores desses remédios.

Portanto, conhecer os medicamentos tradicionais é muito importante para os jovens. Porque tem vários remédios que servem para outras doenças. Além disso, é importante conhecer melhor a preparação e quais materiais que servem para fazer remédios, porque a maioria, nós fazemos com os recursos da floresta, tanto utilizando as folhas quanto as cascas, raízes e outras partes. O remédio da casca de mangaba, casca de murici e sua folha serve para diarreia e dor de barriga.

Para o nosso povo, é importante manter esses remédios nos dias atuais para proteger a saúde do corpo, porque esses remédios são naturais. O nosso povo usa mais esses remédios para curar as crianças, tem remédios que só os velhos pajés conhecem, só eles que fazem para o paciente. O remédio tradicional também faz efeito tipo os remédios da cidade, até na questão da receita, pois o pajé explica como tomar, quando iniciar e quando terminar, e até os momentos de tomar no dia. Por isso é muito importante saber esses conhecimentos culturais dos remédios tradicionais, para poder passar futuramente para os jovens.

BEBIDA TRADICIONAL

Gildo Okapytyga Tapirapé

O povo Tapirapé tem vários tipos de bebidas tradicionais que são muito importantes para sua cultura. O povo Tapirapé está sempre valorizando a bebida tradicional, nós chamamos essa bebida de *Kawi*. As mulheres fazem essa bebida, elas usam mandioca, milho, arroz, amendoim entre outros.

Essa bebida é utilizada, quando algum homem e mulher ganha um filho, durante o resguardo eles vão beber só essa bebida tradicional chamada de *Kawi*. Por que o nosso costume não permite que eles bebam a água pura. De acordo com nossos costumes se eles beberem água pura, no futuro podem ficar barrigudos, e com isso a gente fica com medo. O uso dessa bebida também acontece com as moças quando menstruam pela primeira que durante a menstruação vai beber só a bebida tradicional. Com rapaz também acontece a mesma coisa, quando fica de resguardo, ele só pode beber o *Kawi*, bebida tradicional.

O povo Tapirapé também utiliza essa bebida quando acontece algum ritual, as mulheres a fazem e depois levam para os homens lá no terreiro da casa dos homens para eles beberem. Essa bebida é sempre utilizada quando acontece algum de nossos rituais. Algumas mulheres também fazem para a sua família beber.

Então é assim que essa bebida tradicional *Kawi* é valorizada no nosso costume.

BEBIDA TRADICIONAL

Ima' Awytyga Tapirapé

O povo Tapirapé no seu dia a dia consome vários tipos de bebidas tradicionais. No passado o povo Tapirapé não conhecia outro tipo de bebida. O povo Tapirapé tem regra própria sobre a bebida tradicional, porque nós ainda valorizamos a nossa bebida tradicional dentro da nossa cultura no dia a dia. A bebida tradicional é muito importante para nosso povo Tapirapé. As bebidas tradicionais são essas: *Kawi* (cauim), *Kawixawa*, *Monowikawi*, *Awaxikawi*, *Kroway* e outras mais.

Antigamente essa bebida tradicional sempre foi respeitada pela história e pela regra, porque essa bebida o povo Tapirapé não bebe de qualquer jeito, como por exemplo, *Kawixara* é uma bebida que criança não pode beber desse mingau, porque para criança é proibido beber esta bebida tradicional. Quando alguma criança bebe desta bebida, ela pode ficar um dia de cabelo branco como velho, por isso as crianças não podem beber desta *Kawi* (cauim).

Mingau de arroz, o povo Tapirapé utiliza mais para as crianças consumir, e também mingau de arroz é consumido para as moças quando estão de resguardo. E a moça consumia essa bebida porque se a moça não beber desta bebida e só ficar bebendo água pura ela pode ficar barriguda.

Por isso que a nossa bebida tradicional é muito importante para nossa cultura.

REPARTIÇÃO DA COMIDA

Awarawyga Edimilson Tapirapé

O povo Tapirapé já vem repartindo a comida para toda família, seja para cunhado e sogra tem direito de ganhar comida. Por exemplo: um rapaz que casa com uma moça que tem uma família grande, a moça tem direito de repartir a comida para família inteira.

Assim ele também tem direito de dividir a comida para a cunhada e do outro cunhado. Não é somente a comida que é repartida, tem repartição da carne dos animais caçados e dos peixes após a pescaria.

Por exemplo: quando uma família inteira sai para caçar, ou para pescar, aquele que não mata nada (bicho ou peixe) tem direito de ganhar o mesmo que os outros, não pode ficar sem ganhar. Isso é uma troca de comida, até hoje a repartição da comida é mantida pelo povo Tapirapé.

REPARTIÇÃO DA COMIDA

Magno Yakymytymyga

Para compartilhar a comida na cultura Apyãwa é assim, quando uma pessoa vai na caça e traz alguma caça como: porcão, caititu, jabuti, tatu, a mulher do homem (caçador) tem direito de dividir a caça para todos os familiares dela, porque assim nós compartilhamos a comida. A mesma coisa acontece quando uma pessoa traz muitos peixes, a mulher tem direito de dividir para sua família. Isso porque os homens quando casam, moram na casa da sogra. Desde nossos ancestrais, nós temos essa cultura de compartilhar nossos alimentos.

A nossa cultura como caçador também, é compartilhar a caça que foi abatida, no final da caçada todos os caçadores dividem a caça entre eles, e quando chegam em casa as mulheres que se responsabiliza para dividirmos. Nós como Apyãwa compartilhamos a caça e os peixes por que na hora do consumo todos que ficaram em casa comem junto. Porque assim é a cultura Apyãwa. Antigamente também consumia comida junto.

Hoje a nossa cultura mudou muito, porque só algumas famílias comem juntas, e muitos tipos de comida tradicional está sendo deixada para trás. O que nossos ancestrais consumiam está sendo deixado para trás, isso porque nós queremos consumir só comida do homem branco. Antigamente o nosso povo vivia muito saudável, por que eles consumiam coisas naturais e sempre compartilhavam a comida.

Hoje nós consumimos comida dos brancos, por isso não compartilhamos entre os parentes, hoje nós emprestamos na cultura Apyãwa. Essa cultura que nós utilizamos e só dos brancos. Assim o povo Apyãwa vive hoje aqui na região do Urubu-Branco comendo comida com agrotóxico de branco.

PARTE IX - CHORO TAPIRAPÉ

“O luto na nossa cultura é muito respeitado, a comunidade inteira fica de luto, porque a cultura, a lei permite. Quando acontece um falecimento de uma pessoa do povo Apyãwa a nossa cultura que permite que todos participem do choro.”

Xawarakymaxowoo Tapirapé

FUNERAL: MORTE

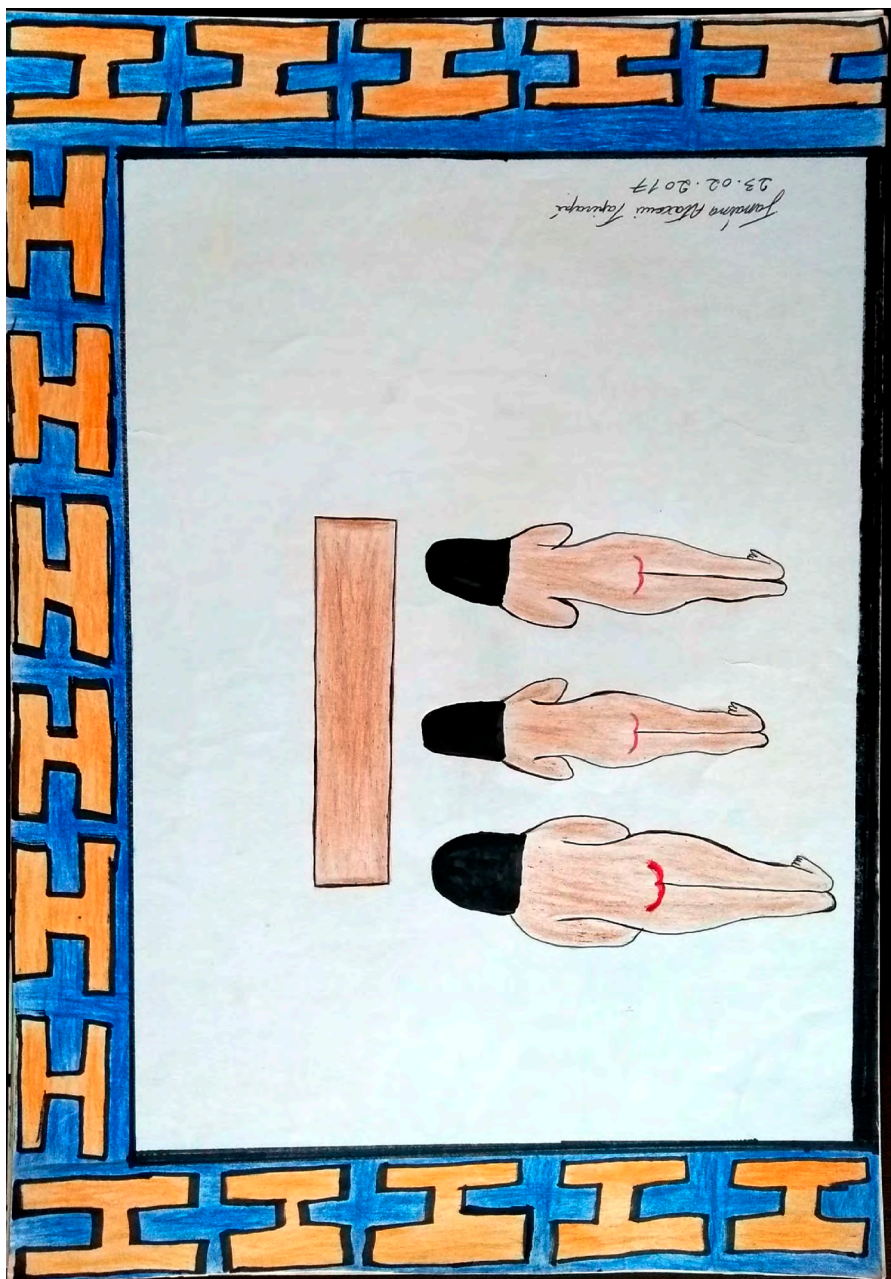
Janaina Ataxowi Tapirapé

Para o funeral é feito uma cova para enterrar a pessoa morta. Na cova a gente enterra coisas de pessoa junto com ela, a gente também queima algumas coisas dele. Fica de luto por 3 meses se for adulto que morreu, e da criança nós ficamos até 2 meses.

Para nós o funeral não tem volta para a vida, o nosso funeral não autoriza escutar gravador, televisão, futebol, tudo isso tem que respeita. Depois toda família, os parentes do morto também corta o cabelo na tesoura.

Muitos funeral acontece quando a gente chega ser idoso. Para terminar o luto a família fala com o cacique para sair do luto para deixar tudo ficar tranquilo.

Quando morre alguém cada aldeia Tapirapé fica de luto, todos ficam de luto.



FUNERAL DO POVO TAPIRAPÉ

Taropa Tapirapé

O funeral é um modo de respeito do costume do povo Tapirapé. É preciso que a comunidade respeite a pessoa que morreu e respeite a dor que será sentido durante uma morte da família.

Durante o funeral, as pessoas de todas as comunidades têm um costume de dançar, o que significa a homenagem a uma pessoa morta, por que a dança é específica para as pessoas que falecem.

O funeral será sempre realizado dentro da casa onde a pessoa falecida morava e dura 2 dias. A cova sempre é realizada dentro da casa da pessoa morta, tem profundidade de 2 metros. Na cova é colocado um pedaço de madeira para amarrar a rede de dormir, e junto com a rede coloca a pessoa morta. Depois de colocar a pessoa morta na cova as famílias aumentam muito o choro porque nunca ele vão ver novamente, depois joga terra para terminar o funeral do povo Tapirapé.

Depois disso as aldeias pode ficar de luto por 3 meses. A família de uma pessoa morta vai sentir a dor, sempre vai sentir saudade da pessoa que faleceu.

Então é assim que acontece funeral do povo Tapirapé. E hoje ainda é respeitada a morte de uma pessoa. Por que a morte não é uma qualquer, a morte vem levando a vida para sempre.

E assim esse costume ainda é realizado dentro da comunidade.

LUTO

Xawarakymaxowoo Tapirapé

Para o povo Apyãwa desde muito tempo atrás existia esse. O luto na nossa cultura é muito respeitado, a comunidade inteira fica de luto, porque a cultura, a lei permite. Quando acontece um falecimento de uma pessoa do povo Apyãwa a nossa cultura que permite que todos participem do choro.

Durante o luto a comunidade não pode realizar a festa tradicional, porque sempre vem acontecendo dessa forma. Aliás, nós não podemos pintar o corpo durante o luto, porque não é permitido dentro da cultura.

Quando uma pessoa pinta o corpo na nossa cultura significa que está alegre, e também não pode usar o colar no pescoço. No luto nós ficamos no máximo 3 ou 4 meses, isso vai depender da decisão da família do falecido. Quando a pessoa mais velha falece nós podemos ficar no máximo 4 meses de luto. Aliás, quando menino(a) de oito ou nove anos de idade falecem nós podemos ficar dois meses de luto. Mas se houver dentro desse prazo a mãe pintar a sua filha ou então o seu filho que desmamou, a lei não impede esse tipo de coisa, a lei só abraça não reclama.

No luto a comunidade proíbe muitas coisas, não pode dançar, cantar. Quando o dono do luto decide libera o luto ele fala para o cacique da aldeia para liberar do luto.

LUTO

Wariniawytyga Rafael Tapirapé

Luto Apyãwa, acontece assim quando alguém falece, todos da família tiram os cabelos, alguns vão raspar o cabelo. Durante o luto não acontecem festas e pintura corporal e todos da aldeia Apyãwa vai ficar de luto. Se algumas pessoas se pintar ai acontece problemas com a família.

E no luto tem mês marcado para acabar. Algumas famílias levam 3 ou 4 meses de luto, e assim todo do povo Apyãwa vai ficar o luto. Quando a família querem ficar normalmente ai vai providenciar a liberação do luto avisando o cacique.

Depois disso pode fazer a festa e pintura corporal, e assim se faz.

SOBRE OS ORGANIZADORES DA OBRA

Mara Maria Dutra - Graduação em Licenciatura em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Santo Ângelo (FISA), Especialização em Educação Especial e Inclusão pelas Faculdades Integradas Mato-Grossense de Ciências Sociais e Humanas, Especialização em PROEJA (IFTM) e Mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atuou como Professora de Educação Infantil na Rede Pública Municipal (1988-2009). Atuou na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), como tutora nos cursos de Pedagogia e Especialização em Educação Especial e Inclusiva (2007-2009), onde também foi Coordenadora Técnica Pedagógica. Foi professora do Curso Técnico em Agroecologia e ministrou as disciplinas de Legislação Ambiental e Etnodesenvolvimento Indígena. Atualmente é Professora de disciplinas pedagógicas nos Cursos de Licenciaturas e nas Pós-Graduações *Lato Sensu* do IFTM *Campus* Confresa.

Marcelo Franco Leão - Graduação em Química Licenciatura Plena (UNISC), Graduação em Licenciatura em Física (UNEMAT), Especialização em Orientação Educacional (DOM ALBERTO), Especialização em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira (UFMT), Mestrado em Ensino (UNIVATES) e Doutorado em andamento em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS). Atuou como Professor de Química e Física na Rede Pública Estadual (2003-2010). Atuou como Professor de Química na UNEMAT (2010-2014). Atualmente é Professor nos Cursos de Licenciaturas e nas Pós-Graduações *Lato Sensu* do IFTM *Campus* Confresa.

Thiago Beirigo Lopes - Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2017) e possui Mestrado Profissional em Matemática - ProfMat pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2014 - 2015), Especialização em Matemática pela Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin - FATED (2010 - 2011), Especialização em Gestão Escolar pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá - FIJ (2008 - 2009) e Graduação em Licenciatura Plena Em Matemática pela Universidade do Estado do Pará - UEPA (2004 - 2007). Foi professor de matemática contratado pela Secretaria Municipal de Educação de Itupiranga - Pará, professor de matemática efetivo pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, professor de matemática efetivo pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Água Azul do Norte - PA. Atualmente é Professor EBTT de Matemática efetivo com dedicação exclusiva do IFMT *Campus* Confresa. Também é Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências e Matemática no Baixo Araguaia, registrado no CNPq.

Polyana Rafaela Ramos- Engenheira Agrônoma pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2007). Especialização em Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Lavras (2009) e Especialização em Educação do Campo e Sustentabilidade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT (2011). É Mestre em Ciências Ambientais pela UNEMAT (2012). Atua como Professora do IFMT *Campus* Confresa.

Willian Silva de Paula- Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso UFMT. Ingressou no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso IFMT em 1994 no cargo de Professor de Linguagem, e atualmente exerce a função de Reitor do IFMT. Durante a sua trajetória,

o Prof. Willian de Paula dedicou o seu trabalho em Prol da Educação Profissional acompanhando a transformação da Escola Agrotécnica Federal de Cuiabá em Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica em 1997 até a constituição em Rede Federal Tecnológica. E nessa senda, atuou como Diretor do Departamento de Desenvolvimento Educacional – CEFET Cuiabá; foi Pró-Reitor de Ensino e também conduziu como Diretor pro tempore o *Campus* Confresa, e também do *Campus* Avançados de Lucas do Rio Verde. Foi membro do Conselho Superior do IFMT. Participou da Elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI do IFMT em 2009. Atuou como Diretor de Planejamento Executivo do IFMT/Reitoria, e desde 2015 atuou como Reitor substituto do IFMT.

Gislane Aparecida Moreira Maia - Graduação em Licenciatura em Letras, Português e Literatura da Língua Portuguesa, Inglês e Literatura Inglesa pela Faculdade de Educação Ciências e Letras Urubupungá (FECLU), Especialização em Metodologia e Pesquisa do Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luís (1995). Atuou como Professora de Língua Portuguesa nas Redes Públicas Municipal (1988-1995) e Estadual (1995-1997/2000 a 2002) em Minas Gerais e na Rede Estadual de São Paulo (1998-2000). Atuou no município de Confresa como Professora de Língua Portuguesa nas Redes Públicas Municipal (2003 a 2011) e Estadual (2008-2011). Atuou como professora formadora do CEFAPRO em 2005. Desde 2011 é Professora de Língua Portuguesa do IFTM *Campus* Confresa. Desempenhou a função de Coordenadora do Pronatec (2013-2017), período em que acompanhou os Cursos Técnicos Subsequentes em Agroecologia, com estudantes Tapirapé, e em Agropecuária, ocorrido em Santa Cruz do Xingu. Atualmente é a coordenadora da Coordenação de Assistência ao Educando (CAE).



INSTITUTO FEDERAL

Mato Grosso
Campus Confresa

Reitor

Willian Silva de Paula

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

Wander Miguel de Barros

Pró-Reitora de Ensino

Carlos André de Oliveira Câmara

Pró-Reitor de Extensão

Marcus Vinicius Taques Arruda

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

José Bispo Barbosa

Pró-Reitor de Administração

Túlio Marcel Rufino de Vasconcelos Figueiredo

Diretora de Planejamento Executivo

Gláucia Mara de Barros

Diretor de Pós-Graduação

Rafael de Araújo Lira

Diretor Geral do IFMT *Campus Confresa*

Giliard Brito de Freitas

Diretora de Ensino do IFMT *Campus* Confresa
Aldemira Ferreira da Silva

**Diretor de Administração e Planejamento do IFMT
Campus Confresa**
Edna Lúcia Souza Cruz

**Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação do
IFMT *Campus* Confresa**
José Antônio do Vale Sant'Ana

**Coordenador de Extensão do IFMT *Campus*
Confresa**
Elisabeth Pinheiro da Silva

Essa obra foi publicada com recursos orçamentários do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato
Grosso.



ISBN: 978-85-67803-62-3



9 788567 803623